

Vade Mecum Espírita

APOSTILAS VADE MECUM

Órgão Fluídico

(SÉRIE ESPÍRITA NÚMERO TRINTA E DOIS)

Contato: Fones 19 (R) 3433-8679 - 997818905

Piracicaba - SP

Dezembro de 2022

ÍNDICE

O LIVRO DOS ESPÍRITOS.....	03
NOSSO LAR.....	03
MISSIONÁRIOS DA LUZ.....	03
EVOLUÇÃO EM DOIS MUNDOS.....	04
A ALMA É IMORTAL.....	05
O CONSOLADOR.....	05
HISTÓRIA DO ESPIRITISMO.....	06
OS CHAKRAS.....	07
A REENCARNAÇÃO.....	07
NO LIMAR DO ETÉREO.....	08
METAPSÍQUICA HUMANA.....	16
NO LIMAR DO INFINITO.....	18
ANÁLISE DAS COISAS.....	19
ESPÍRITO, PERISPÍRITO E ALMA.....	20
HIPNOTISMO E MEDIUNIDADE.....	25
FATOS ESPÍRITAS.....	20
VOLTEI.....	21
KATIE KING.....	21
HIPNOTISMO E ESPIRITISMO.....	23
BÍBLIA.....	23
RECORDAÇÕES DA MEDIUNIDADE.....	23
O QUE É A MORTE.....	24
ANTOLOGIA DO PERISPÍRITO.....	28
PSI QUÂNTICO.....	29
REVISTA ESPÍRITA 1860.....	30
DA ALMA HUMANA.....	32
FENÔMENOS DE BILOCAÇÃO.....	32
PARAPSIKOLOGIA EXPERIMENTAL.....	34
MÃOS DE LUZ.....	34
PSIQUIATRIA E MEDIUNISMO.....	35
A EVOLUÇÃO DO PRINCÍPIO INTELIGENTE.....	36
O PSIQUISMO EXPERIMENTAL.....	37
TRANSCOMUNICAÇÃO INSTRUMENTAL.....	37
CORRELAÇÕES ESPÍRITO-MATÉRIA.....	37
GETÚLIO VARGAS Em Dois Mundos.....	38
BASES CIENTÍFICAS DO ESPIRITISMO.....	38
RAYMOND.....	39
EXTRAORDINÁRIOS FENÔMENOS ESPÍRITAS.....	40
A PROPOSITO DA INTRODUÇÃO À METAPSYCHICA HUMANA.....	41
O ESPIRITISMO NA ARTE.....	41

OS ESPÍRITOS, A MÚSICA CELESTE E A MÚSICA TERRENA.....	42
PERISPÍRITO.....	43
CÉREBRO & PENSAMENTO.....	45
O ESPIRITISMO CONTEMPORÂNEO.....	46
DOSSIÊ PEIXOTINHO.....	25
DIVERSIDADE DOS CARISMAS - I.....	25
A GÊNESE.....	25

O LIVRO DOS ESPÍRITOS

Q: 375 A

Allan Kardec

375 – a) Então, o desorganizado é sempre o corpo e não o Espírito?

“Exatamente, mas convém não perder de vista que, assim como o Espírito atua sobre a matéria, também esta reage sobre ele, dentro de certos limites, e que pode acontecer impressionar-se o Espírito temporariamente com a alteração dos órgãos pelos quais se manifesta e recebe as impressões. Pode mesmo suceder que, com a continuação, durando longo tempo a loucura, a repetição dos mesmos atos acabe por exercer sobre o Espírito uma influência, de que ele não se libertará senão depois de se haver libertado de toda impressão material.”

NOSSO LAR

Cap. 5 §10, 11 (37)

André Luiz - FCX

Adivinhando que minhas observações iam descambar para o elogio espontâneo, Lísias levantou-se da poltrona a que se recolhera e começou a auscultar-me, atento, impedindo-me o agradecimento verbal.

— A zona dos seus intestinos apresenta lesões sérias com vestígios muito exatos do câncer; a região do fígado revela dilacerações; a dos rins demonstra características de esgotamento prematuro.

Sorrindo, bondoso, acrescentou:

— Sabe o irmão o que significa isso?

— Sim — repliquei —, o médico esclareceu ontem, explicando que devo esses distúrbios a mim mesmo.....

MISSIONÁRIOS DA LUZ

Cap. 10 §96 (119)

André Luiz - FCX

— André — falou o meu orientador, em tom grave —, improvisemos a garganta ectoplásmica. Não podemos perder tempo.

E, identificando-me a inexperiência, acrescentou:

— Não precisa inquietar-se. Bastará ajudar--me na mentalização das minúcias anatômicas do aparelho vocal.

Estava aturdido, mas o instrutor considerou:

— A força nervosa do médium é matéria plástica e profundamente sensível às nossas criações mentais.

Logo após, Alexandre tomou pequena quantidade daqueles eflúvios leitosos, que se exteriorizavam particularmente através da boca, narinas e ouvidos do aparelho mediúnico, e, como se guardasse nas mãos reduzida quantidade de gesso fluido, começou a manipulá-lo, dando-me a impressão de estar completamente alheio ao ambiente, pensando, com absoluto domínio de si mesmo, sobre a criação do momento.

Aos poucos, vi formar-se, sob meus olhos atônitos, um delicado aparelho de fonação. No íntimo do esqueleto cartilaginoso, esculpado com perfeição na matéria ectoplásmica, organizavam-se os fios tenuíssimos das cordas vocais, elásticas e completas na fenda glótica e, em seguida, Alexandre experimentava emitir alguns sons, movimentando as cartilagens aritenoides.

Formara-se, ao influxo mental e sob a ação técnica de meu orientador, uma garganta irrepreensível.

Com assombro, verifiquei que através do pequeno aparelho improvisado e com a cooperação dos sons de vozes humanas, guardados na sala, nossa voz era integralmente percebida por todos os encarnados presentes. Parecendo-me satisfeito com o êxito de seu trabalho, Alexandre falou pela garganta artificial, como quem utilizava um instrumento vocal humano:

— Meus amigos, a paz de Jesus seja convosco! Ajudem-nos, cantando! Façam música e evitem a concentração!...

EVOLUÇÃO EM DOIS MUNDOS

1ª Parte IV item 6 (40)

André Luiz – FCX – WV

GÊNESE DOS ÓRGÃOS PSICOSSOMÁTICOS

— Todos os órgãos do corpo espiritual e, conseqüentemente, do corpo físico foram, portanto, construídos com lentidão, atendendo-se à necessidade do campo mental em seu condicionamento e exteriorização no meio terrestre.

E' assim que o tato nasceu no princípio inteligente, na sua passagem pelas células nucleares em seus impulsos ameboides; que a visão principiou pela sensibilidade do

plasma nos flagelados mono- celulares expostos ao clarão solar; que o olfato começou nos animais aquáticos de expressão mais simples, por excitações do ambiente em que evoluíam; que o gosto surgiu nas plantas, muitas delas armadas de pêlos viscosos destilando sucos digestivos, e que as primeiras sensações do sexo apareceram com algas marinhas providas não só de células masculinas e femininas que nadam, atraídas umas para as outras, mas também de um esboço de epiderme sensível, que podemos definir como região secundária de simpatias genésicas.

TRABALHO DA INTELIGÊNCIA

— Examinando, pois, o fenômeno da reflexão sistemática, gerando o automatismo que assinala a inteligência de todas as ações espontâneas do corpo espiritual, reconhecemos sem dificuldade que a marcha do princípio inteligente para o reino humano e que a viagem da consciência humana para o reino angélico simbolizam a expansão multimilenar da criação de Deus que, por força da Lei Divina, deve merecer, com o trabalho de si mesma, a auréola da imortalidade em pleno Céu. Pedro Leopoldo, 26/1/58

A ALMA É IMORTAL

GABRIEL DELANNE

1ª P: Cap. V §35 (128)

Aparição do Espírito de um índio

..... Comprova-se invariavelmente que a distância não constitui obstáculo ao deslocamento do Espírito, pois que ele pôde manifestar a sua presença na Europa muito pouco tempo após sua morte na América. As observações precedentemente feitas aplicam-se aqui ao aspecto exterior do Espírito. Julgamos, entretanto, que a materialização, neste caso, foi mais completa do que no último citado, porquanto ele dirigiu um adeus à vidente, o que nos reconduz ao caso em que o fantasma de vivo igualmente pronuncia algumas palavras. Esta observação firma que também o Espírito dispõe de um órgão para produzir sons articulados e de uma força para acioná-lo. Veremos, dentro em pouco, que no perispírito não existe apenas a laringe, mas todos os órgãos do corpo material. O que, acima de tudo, nos importava assinalar é a notável uniformidade que se observa na maneira de agir dos fantasmas, quer se trate de um desdobramento, quer da materialização temporária de um habitante do espaço.

Mencionemos, por fim, mais um caso em que o mesmo Espírito se manifesta, com pequeníssimo intervalo, a duas pessoas.

O CONSOLADOR

Emmanuel - FCX

Questão: 30 (35)

30 — Há órgãos no corpo espiritual?

Dentro das leis substanciais que regem a vida terrestre, extensivas às esferas espirituais mais próximas do planeta, já o corpo físico, excetuadas certas alterações impostas pela prova ou tarefa a realizar, é uma exteriorização aproximada do corpo perispiritual, exteriorização essa que se subordina aos imperativos da matéria mais grosseira, no mecanismo das heranças celulares, as quais, por sua vez, se enquadram nas indispensáveis provações ou testemunhos de cada indivíduo.

HISTÓRIA DO ESPIRITISMO

ARTHUR CONAN DOYLE

Cap. XII §16 (223)

Seria cansativo para o leitor entrar em detalhes sobre os vários tipos que apareceram nessas interessantes reuniões. Madame Blavatsky, então uma criatura desconhecida em New York, tinha vindo observar as coisas. Naquela época ainda não havia ela desenvolvido a linha teosófica do seu pensamento e era uma espiritista ardorosa. O Coronel Olcott e ela se encontravam pela primeira vez na casa da fazenda de Vermont, onde começou uma amizade que produziria no futuro estranhos desenvolvimentos. Em sua homenagem, ao que parece, apareceu um séquito de imagens russas, mantendo com ela uma conversação nessa língua. A principal figura, entretanto, era um chefe índio, chamado Santum, e uma índia de nome Honto, que se materializaram tão completamente e tantas vezes que a assistência seria desculpada por esquecer que estava tratando com Espíritos. Tão grande foi o contacto, que Olcott mediu Honto numa escala pintada ao lado da porta da cabine. Tinha um metro e sessenta centímetros. **Certa vez expôs o seio e pediu a uma senhora presente que observasse as batidas do coração.** Honto era leviana, gostava de dançar, de cantar, de fumar e exibir sua rica cabeleira negra aos assistentes. Santum, por outro lado, era um guerreiro taciturno, de um metro e noventa centímetros. O médium tinha apenas um metro e setenta e cinco centímetros.

Digno de menção é o fato de o índio usar sempre um polvarinho de chifre, que lhe fora dado então por um dos assistentes. Estava pendurado na cabine e lhe fora dado quando estava materializado. Alguns dos Espíritos de Eddy falavam, outros não, e a fluência variava muito. Isto concordava com a experiência do autor em sessões semelhantes. Parece que a alma que volta tem muito que aprender quando maneja esse simulacro de si própria e que aqui, como alhures, a prática vale muito. Ao falar, essas figuras movem os lábios exatamente como faziam em vida. **Também foi mostrado que a sua respiração em água de cal produz a reação característica de dióxido de carbono.** Diz Olcott: “Os próprios Espíritos dizem que têm de aprender a arte de se materializar, como a gente procederia com qualquer outra arte”. A princípio acenas podem moldar mãos, como no caso dos Davenport, das Fox e outros. Muitos médiuns jamais vão além desse estágio.

Cap. XVIII §30 (344)

Uma curiosa experiência com Bien Boa foi tentar que ele soprasse num frasco contendo uma solução de barita, para ver se a respiração mostrava óxido de carbono. Com dificuldade a forma fez o que lhe pediam e o líquido mostrou a reação esperada. Durante essa experiência as formas da médium e de uma nativa que se sentava com ela na cabine foram vistas claramente.

Richet regista um incidente divertido durante essa experiência. Quando a solução de barita se tornou branca, os assistentes gritaram “Bravo!”, com o que a forma de Bien Boa apareceu três vezes à abertura da cortina, curvou-se como um ator no teatro, ao ser chamado a cena.

Richet e Delanne tomaram muitas fotografias de Bien Bon, as quais são descritas por Sir Oliver Lodge como as melhores que ele tinha visto no gênero. Uma particularidade interessante a esse respeito é que um braço da médium se apresenta achatado, indicando um processo de desmaterialização tão bem observado com outra médium, Madame d’Esperance. Richet observa com muita finura (12): *“Não receio dizer que o vazio da manga, longe de demonstrar a presença de uma fraude, ao contrário estabelece que não houve fraude; também que isto parece depor em favor de uma espécie de desagregação material da médium que ela própria era incapaz de suspeitar.”*

OS CHAKRAS

C. W. LEADBEATER

Cap. III (81)

O corpúsculo positivo *d* é o glóbulo de vitalidade, de cuja virtude provém a extraordinária energia do oxigênio. () oxigênio, ao chegar aos pulmões na função respiratória, desprende os glóbulos de vitalidade que se combinam com outras substâncias para formar alguns dos principais constituintes do sangue. Assim é que, enquanto a vitalidade se difunde do baco por todo o duplo etérico, a “essência” mencionada no citado *purana Garuda* se distribui por todo o corpo denso (1)

1 Consta que esta essência é denominada *rasa* no texto original, e bem pode significar sangue.

A REENCARNAÇÃO

GABRIEL DELANNE

Cap. II §72, 73 (51)

Assim, voltando a William Crookes, a aparição possui coração e pulmões! Estes têm um mecanismo fisiológico que difere do da Srta. Cook, e, sem fazer nenhuma suposição, deve-se deduzir o que daí decorre naturalmente: que se trata de dois organismos diferentes, estando um são e outro enfermo.

Pergunto, com toda a sinceridade, onde se acha o verdadeiro espírito científico? Será com os que inventam as mais fantásticas hipóteses ou com os que jamais vão além do que lhes

permite verificar a mais rigorosa observação? Parece-me que a resposta não é duvidosa. É mil vezes mais inverossímil imaginar que Katie é uma criação da Srta. Cook, do que acreditar que ela é o que ela mesmo diz ser, isto é, um Espírito. Verifiquei, eu próprio, em presença do Prof. Richet, que o fantasma de Bien Boa exalava ácido carbônico, pois que, soprando em um balão com uma solução de barita, produziu-se, diante de nossos olhos, um precipitado de carbonato de barita.

Se fossem necessárias outras provas da independência do fantasma, achá-las-íamos nas conversas que Florence Cook mantinha com Katie, durante os últimos tempos de sua medi- unidade e no dia de sua última sessão.

A menos que tenhamos que sustentar absurdos evidentes, como, por exemplo, que se possa ser, ao mesmo tempo, consciente e inconsciente, e estar, simultaneamente, no próprio corpo e em outro, com ideias inteiramente diversas e com um caráter oposto ao que se possui, o final do relatório de Crookes demonstra, com a mais poderosa evidência, que Katie era uma individualidade distinta da médium e dos assistentes.

NO LIMIAR DO ETÉREO

J. ARTHUR FINDLAY

Cap.VI §17 (98)

Primeiramente, temos que lhes aceitar a afirmativa de que o corpo etéreo é, em todos os pontos, uma reprodução do corpo físico, com relação quer aos órgãos internos, quer aos externos. Na vida espiritual, a comunicação se dá do mesmo modo que na vida terrena. Lá também os órgãos vocais fazem vibrar a atmosfera do plano onde funcionam, a língua se move, os pulmões respiram e expõem um equivalente do nosso ar, passando-se cada coisa como se passa aqui na Terra, com a única diferença de que tudo se verifica dentro de uma matéria de estrutura muito mais delicada e de uma ordem de vibrações muito mais rápidas. Daí vem que os órgãos vocais deles, capazes de funcionar no mundo etéreo que lhes é próprio, não podem fazer outro tanto no nosso mundo mais grosseiro. Seus tecidos são por demais finos para poderem produzir qualquer efeito na nossa atmosfera. Faz-se necessário, para isso, que se estabeleçam condições especiais, em que as suas vibrações se tornem mais baixas. Para obtê-las, é indispensável a obscuridade completa, ou uma luz vermelha muito fraca, porquanto os raios da luz branca inutilizam e desintegram as forças e substâncias delicadíssimas com que eles operam. Os melhores resultados se conseguem em noites claras e com a atmosfera isenta de umidade. Para que as condições sejam as mais propícias a permitir que as falas se produzam excelentemente, é preciso, além do que já ficou dito, que os assistentes gozem boa saúde e sejam entre si harmônicos.

Imaginemos agora que estamos sentados em círculo e conosco o médium; que, cantando, pusemos em vibração a atmosfera, durante cerca de um quarto de hora, e que, de repente, uma voz nítida, distinta e distante do médium ressoa sobre nós e, após declinar um nome e mencionar uma residência na Terra, trava conversação com um dos do círculo. Que é o que então se dá? Esta a questão que mais me preocupou, desde que me acostumei àqueles singulares fatos. Estaria o médium a personalizar alguém, ou aquilo era feito por um comparsa dissimulado entre os assistentes? Por muitas razões, pude reconhecer que a voz

não provinha de nenhum ser humano; que ali estava a falar uma personalidade invisível, não deste mundo, mas presente na sala. Dispus-me, em consequência, a descobrir a causa determinante de tal efeito e, por uma série de perguntas e respostas, durante certo tempo, foi-me dito o que se segue e que, por amor à brevidade, reproduzirei com palavras minhas.

O químico, a quem já aludi, depois de misturar com os seus próprios ingredientes as substâncias que obtém do médium e dos assistentes, toma do preparado resultante e com ele, primeiro, materializa suas mãos, depois do que fabrica uma máscara tosca, com partes semelhantes a uma boca e uma garganta. Essa máscara ele a coloca em lugar adequado, as mais das vezes no centro do círculo. O Espírito que quer falar, toma dessa máscara, onde é lenta a vibração, e com ela reveste ou cobre sua boca, língua e garganta. Esses órgãos se tornam então mais densos ou pesados, exigindo a língua maior esforço para mover-se, o que, afinal, com um pouco de prática vem a ser fácil. Aí, o Espírito se põs, momentaneamente, em condições de fazer de novo o que fazemos nós, na medida de sua capacidade para formar palavras. Ele volta a ser, para essa circunstância, um habitante da matéria, de vibração lenta, de sorte que, quando fala, produz sobre a nossa atmosfera os mesmos efeitos que nós, quando falamos. Achemo-nos, ele e nós, na mesma sala, a pequena distância um do outro, ele de pé a nos falar e nós sentados, a responder-lhe. Ouve-nos e nós o ouvimos. Essa situação dura pouco tempo, não mais, em regra, de cinco minutos, ao cabo dos quais começa a desmaterialização, por enfraquecimento do material, e, conquanto a boca continue a falar, nada mais se ouve. Isto, abreviadamente, o que eles definem, dizendo que se adaptam às condições terrenas do nosso ambiente. Todos os médiuns de voz direta possuem uma certa força ou substância vital, bem como os assistentes, embora, estes, em grau menor, força ou substância à qual os Espíritos químicos adicionam outras forças ou substâncias etéreas, formando com semelhante combinação um material de vibração suficientemente lenta, para fazer vibrar a nossa atmosfera. Só o que não podemos compreender é como o Espírito se reveste desse material, ou o absorve (1). Qual o efeito que realmente se produz, quando o Espírito sobre ele atua e com ele se cobre? Sem dúvida, acharei, algum dia, a explicação; por agora, o que escrevo é, em substância, o que me foi dito. Ao pedir maiores detalhes, responderam-me que eu não entenderia e que me devia contentar com as informações que me haviam dado. *Muitas vezes hei colado meu ouvido à boca do médium e nada mais ouvi, além da sua regular respiração, no momento mesmo em que uma voz falava a algum dos presentes e eram todos amigos meus pessoais os que assistiam às sessões da Glasgow Society for Psychical Research (Sociedade de Glasgow para Pesquisas Psíquicas).*

De uma feita, disse-me o comunicante que a laringe do médium estava sendo utilizado e que sua voz era trazida, por um tubo psíquico, para a trombeta, que a ampliava de modo a podermos ouvi-la. Por outras palavras: que ele se estava servindo dos pulmões, da laringe e da boca do médium, para evitar uma materialização especial desses seus órgãos.

Ulteriores respostas tornaram mais claro o ponto. Quando uma voz fala pela trombeta, nem sempre independe do médium: nem sempre provém de uma entidade materializada no centro do círculo. A força não é, em todas as ocasiões, bastante para sustentar esse modo de comunicação durante a sessão inteira. Acontece então o seguinte: o Espírito que quer falar “controla” o médium e fala através dele. Todavia, não exerce sobre o médium a mesma ação que os seus guias habituais e, por isso, a voz que se produz não passa às vezes de um sussurro. Por meio de um tubo psíquico ou ectoplásmico materializado, a voz é dirigida para a trombeta que a amplia até poder ser ouvida. O Espírito que nessas circunstâncias fala se

coloca por detrás do médium, cujo Espírito, enquanto dura a comunicação, se conserva afastado de seu corpo, ou, noutros termos, o médium cai em transe, ficando o Espírito comunicante apto a lhe influenciar os órgãos vocais. Há um elo conector, magnético, etéreo ou psíquico, que causa sobre os músculos do médium efeito idêntico ao das ondas atmosféricas sobre as duas pontas de um diapasão, afinadas no mesmo tom. Assim como as vibrações de uma atuam sobre a outra, também atuam reciprocamente sobre si as das duas sedes dos órgãos vocais, donde resulta atuarem em uníssono esses órgãos, no espírito e no médium. Assim, o que diz o espírito diz o médium, trabalhando harmônicos os dois órgãos.

Este esclarecimento me satisfez até certo ponto; mas, a questão era saber como se produzia o som. Nossos lábios formam as palavras, nossas laringes ocasionam os sons. Perguntei então que era o que causava o som e foi-me respondido que a laringe do médium era utilizada para isso e que o som vinha dele para a trombeta, por meio do tubo psíquico. Tornava-se, portanto, claro que o que vinha do médium para a trombeta não era o ar de seus pulmões. A laringe é utilizada para produzir o som, porém, não por meio do ar passando pelas cordas vocais. A atmosfera, eles a fazem vibrar por um método que lhes é próprio e disseram-me que aceitasse como real o fato de ser a laringe empregado para produzir o som e de ser este trazido do Espírito que fala para a trombeta.

Não se trata, declarou o meu informante, dessas mensagens que de algum modo sofrem a influência mental do médium, porquanto, no caso em apreço, a sua mente de nenhum modo intervém. Eles não atuam através da mente do médium, mas, diretamente, sobre os seus órgãos vocais. A mente do Espírito se acha completamente controlada e o cérebro do médium estrangido temporariamente. O que, pois, ouvimos às vezes é a voz do médium através da trombeta, embora com um som inteiramente diverso do que lhe é habitual, por se achar ele em transe e pertencer essa forma de comunicação à mesma categoria das manifestações por meio do transe, salvo a circunstância de serem as vozes dirigidas para a trombeta e ouvidas partindo desta e não do médium. Não é preciso que a trombeta esteja junto à boca do médium, porquanto, segundo eles me disseram, fácil lhes é encaminhar a voz para aquele instrumento, fazendo-a passar por sobre o círculo. Segue-se que, nas sessões de Sloan, temos três formas diferentes de comunicação: primeiro, as manifestações pelo transe; segundo, as manifestações pelo transe com a trombeta; terceiro, a melhor de todas, vozes de Espíritos que materializam seus órgãos vocais e os respectivos pulmões e falam como o fazemos nós, sem qualquer ligação com o médium, a não ser pela substância ectoplásmica, necessária à materialização, e que eles tomam de empréstimo ao mesmo médium e aos assistentes.

A trombeta é acionada por meio de varetas materializadas, feitas de uma combinação dessas substâncias fornecidas pelo médium e pelos assistentes com as que o químico fornece. Também pode ser movida por uma mão materializada, servindo a extremidade mais larga para por ela introduzir-se no seu interior a boca materializada, a fim de que a voz tome a direção que deseje a entidade que fala, sem que lhe seja preciso deslocar o instrumento do lugar onde haja feito a materialização. O outro lado da trombeta pode ser usado como lhes convenha mais aos objetivos. Quando não se servem da trombeta, quer isso dizer que a substância é suficiente e bastante a força para que uma ou mais materializações se deem, comumente nas proximidades da pessoa a quem o Espírito quer dirigir-se. Assim é que, em várias ocasiões, ouvi duas e até três vozes falando ao mesmo tempo a outras tantas pessoas.

Nem sempre, contudo, está presente a personalidade que se diz ser a que fala, visto como, para os Espíritos que já passaram pelo que se chama a segunda transição em esferas avançadas, difícil é, senão impossível, o comunicarem-se. Eles então transmitem suas mensagens aos que se encontram em esferas mais baixas, os quais, por sua vez, as passam a um que se ache presente à sessão.

Isto, penso eu, é o que mais frequentemente sucede, mesmo com os que ainda se acham nas esferas inferiores, desde que tenham dificuldade em comunicar-se, materializando seus órgãos vocais. Um irlandês, que em vida se chamou Gallacher, me disse que a maior parte do tempo, nas sessões, ele a ocupava em receber e transmitir mensagens. Apelidava-se a si mesmo de “aparelho telefônico”.

Perguntei, de uma feita, se os órgãos vocais materializados podiam ser tocados e se tinham peso. Responderam-me que sim e que tinham o peso que nós, os assistentes, perdíamos durante a sessão. Se cada um de nós se colocasse numa balança, verificaríamos o decréscimo gradual do nosso peso no curso da sessão e que, ao aproximar-se esta do seu termo, à medida que o ectoplasma fosse sendo reabsorvido, aquele peso nosso iria O*⁰ voltando ao normal. As experiências do Dr. Crawford e outros provaram a exatidão deste asserto. O ectoplasma que eles tiram dos assistentes não é utilizado, enquanto o químico não a mistura com os seus ingredientes, porque a materialização não se pode executar exclusivamente com o primeiro. Essa combinação ectoplásmico-etérea, disseram-me, é indispensável não só para a materialização, como também para que os que vivem a vida de Espírito possam mover quaisquer objetos físicos. Sem ela, nada podem eles movimentar. Os nossos corpos se compõem dos ingredientes de que eles tiram essa substância chamada ectoplasma. Foi-me impossível, no entanto, obter informações detalhadas sobre o que são os ingredientes químicos da substância que eles juntam ao ectoplasma. O químico não me as quis ministrar, dizendo que eu nada entenderia. Perguntei se os pensamentos do médium coloriam de algum modo as comunicações que se recebiam por meio da voz independente e a resposta foi: “Absolutamente não.”

Acerca do que ocorre quando o médium fala em transe, explicaram-me que o Espírito que deseja falar toma daquele o ectoplasma e estabelece por esse meio o controle sobre os seus órgãos vocais. Pelo que diz respeito a Sloan, não lhe utilizam o cérebro. Sumariamente, é isto o que sucede: o ectoplasma forma o elo de conexão entre o Espírito e os órgãos vocais do médium e, quando o primeiro fala, estes se movem. Nesse caso, não se verifica a materialização da boca, da laringe e da língua; apenas os órgãos vocais do médium são empregados para, controlados pelo Espírito, fazerem vibrar a atmosfera e formarem as palavras que o mesmo Espírito articula.

Meu intento, neste livro, é dar uma explicação, simultaneamente lógica e racional, de como se processa o fenômeno da Voz Direta. Os fatos referidos nos três capítulos que se seguem não serão suficientes por si sós para convencer ao primeiro que passe desatento. Desde que, porém, ao mesmo tempo sejam explicados logicamente, muito menos difícil se torna a aceitação do fenômeno. Adotei todas as precauções para impossibilitar a fraude e a personificação e, por inquirições persistentes, obtive, com referência ao Mundo Etéreo, aos seus habitantes e à maneira como se dá a comunicação, explicações que devem satisfazer às exigências de qualquer pessoa. Isso, antes, ainda não fora conseguido, que eu saiba, de modo tão sistemático e é de assinalar que toda a minha vida tenho andado às voltas com fatos intrincados. Como homem de negócios, adquiri conhecimentos de Matemática e Economia, e, por outro lado, dediquei particular interesse à Física. Foi, pois, senhor de mim

que entrei neste assunto e as informações que colhi tornam os fenômenos racionais e naturais, para todo aquele que não se ache escravizado a ideias preconcebidas, o que concorrerá, conseqüentemente, para elevá-lo a um plano mais alto do pensamento e será uma outra alpondra acrescentada às que já tenham sido postas sobre científica base.

(1) Nota da Editora Brasileira: Ver “Missionários da Luz”, de F. C. Xavier, Cap. X.

Cap. XI § (150) Referência Especial

Isto me faz lembrar um incidente ocorrido precisamente depois de me haver Whitefeather informado que Greentree estava esperando para falar. A senhorita Millar havia apagado a luz e eu segurara as mãos de Sloan e encostara meus pés aos dele. Havia alguns minutos que estávamos no escuro, aguardando que Greentree falasse, quando a senhorita Millar disse: “Meu caderno de notas se está movendo sobre a mesa”; e acrescentou: “Ele me foi tirado” e, por fim: “Tiraram-me da mão o lápis.” Logo, a mesa, distante do médium umas duas jardas, ergueu-se e caiu pesadamente. Ponderei: “Não foi Sloan, nem eu quem fez isto, porquanto meus pés estão encostados aos dele e as suas mãos estão nas minhas.” Então, uma voz, próxima do teto, falou assim: “Isto foi feito para compreenderdes que nesta sala se acham a trabalhar, esta noite, inteligências que podem ver-vos e as coisas que vos rodeiam. A escuridão, como a tendes, não existe para nós. A mão materializada de um Espírito foi que produziu o que acaba de dar-se; a moça, porém, não deve ter medo; nada fazemos nunca para assustar ou magoar a quem quer que seja.” Em seguida a isso, o caderno de notas e o lápis voltaram para a senhorita Millar, a mesa cessou de mover-se e Greentree falou, dizendo-nos: “Boa-noite” e me perguntou que era o que eu desejava saber.

Pergunta — Como é que podeis falar-nos a nós que estamos na Terra?

Resposta — Materializando a minha boca e a minha língua etérea.

P. — Podeis dizer-me algo acerca do método que seguís para isso?

R. — Farei todo o possível para lhe tornar compreensível como isso se consegue; lembre-se, porém, de que não poderá ter uma ideia exata das dificuldades que aqui enfrentamos, enquanto, por sua vez, não vier para este plano. Todavia, explicarei tão claramente quanto possível os nossos métodos. Do médium e das pessoas presentes, um químico do mundo espiritual extrai certos ingredientes, que, à falta de melhor nome, são chamados ectoplasma, ao qual o mesmo químico adiciona ingredientes que ele próprio elabora. Misturando tudo isso, forma uma substância que o habilita a materializar suas mãos. Com as mãos materializadas, constrói uma máscara, semelhante a uma boca com a respectiva língua. O espírito que quer falar coloca essa máscara sobre a face e a ajusta bem, de maneira que lhe cubra a boca, a língua e a garganta. A princípio, experimenta certa dificuldade em movimentar esse material mais pesado; porém, com a prática, a coisa se torna fácil. Os órgãos etéreos ficam assim encerrados numa matéria que se assemelha à matéria física, e o ar, passando-lhe através, faz vibrar a vossa atmosfera e lhe ouvis a voz.

P. — Mas, como apanhais o ar? com os pulmões também materializados?

R. — No caso de materialização completa, é.

P. — Tenho ouvido duas e três vozes a falar ao mesmo tempo. Outras tantas máscaras são usadas nessas circunstâncias?

R. — Sim. Como nessas ocasiões as condições são boas, o químico dispõe de ectoplasma suficiente para construir diversas máscaras, que são, às vezes, usadas todas ao

mesmo tempo. Isso explica a razão por que ouvis várias vozes falando simultaneamente.

P. — Onde é colocada a máscara?

R. — De ordinário, no centro do círculo. Dentro deste reúne o químico a maior quantidade possível de

ectoplasma. Quando, porém, é pequena a quantidade fornecida pelo médium e pelos assistentes, ele o reúne próximo do chão. Eis por que as vozes vêm daí, quando são deficientes as condições. Por outro lado, quando estas são boas e temos amplo suprimento de ectoplasma, podemos acumulá-lo no teto, o que explica virem as vozes, nessas ocasiões, do alto da sala.

P. — Construída a máscara, que fazeis?

R. — Aquele que vai falar toma posição no centro do círculo, mete-se na materialização ectoplásmica e começa a falar, movendo a boca e a língua exatamente como fazeis quando falais.

P. — E com relação à trombeta?

R. — É usada não só para ampliar a voz, como para fazê-la ir diretamente àquele com quem o Espírito quer falar. Move-se a trombeta por meio de hastes materializadas, sendo manejadas deste lado por um a quem chamamos o operador da trombeta. Seu nome é Gallacher e ele lhe vai falar agora. (Outra voz se fez ouvir, dizendo ser Gallacher, o operador da trombeta.)

P. — Boa-noite. Creio que você é irlandês.

R. — Sim, senhor. Já uma vez o disse.

P. — Bem, meu amigo, quero saber tudo o que me possa dizer sobre o seu trabalho de auxiliar os que, desse lado daí, nos falam a nós que estamos na Terra.

R. — Quando um Espírito deseja falar-vos, apropria-se das condições terrenas do vosso ambiente. Sempre sabemos quando as vossas reuniões se vão realizar. (Neste ponto, Whitefeather interveio com o seu: “É mim que sabe e diz aos outros. É mim que sabe quando está para ter sessão; é mim que lembra essas coisas; é mim que fala cada um.”) Após essa interrupção, continuou Gallacher: — “Como eu dizia, sempre sabemos quando estais reunidos. Cabe-me manusear a trombeta. Tenho estado a seu lado, esperando a vez de falar-lhe e muito me alegra ter ensejo de dizer-lhe o que posso.

P. — Então você é o responsável pelos megafones ou trombetas?

R. — Sim, eu as manejo todo o tempo. Quando tem que haver uma sessão, geralmente o químico com quem trabalho me informa do que vai dar-se e me pede que nos reunamos no momento aprazado. Ele fornece uma substância sua e tira certa quantidade dela do médium e dos assistentes. É a combinação dessa substância espiritual com o ectoplasma fornecido pelo médium e pelos assistentes que nos habilita a materializar. Se há bastante substância, isso permite que o instrumento metálico ande por toda parte na sala e as vozes se produzam. Quando aqui cheguei esta noite, a primeira coisa que fiz foi ver onde melhor podia juntar maior quantidade de ectoplasma. O químico o recebe de mim e lhe adiciona seus ingredientes, sendo ele então conduzido para o lugar mais apropriado. Também falo por aqueles que não o podem fazer e pelos que se achem a distância muito grande daqui. Estes últimos me enviam suas mensagens, como vós aí mandais as vossas pelo sem fio; elas são colhidas por um receptor e passadas para mim; eu, então, as passo adiante, dando o nome da pessoa que as envia. Funciono meramente como transmissor.

P. — É isso que explica o que às vezes parece uma personificação?

R. — Eu sou quem passa as mensagens que outros mandam; por isso, às vezes, percebeis que não sou precisamente aquele que a envia. Sou, para vós, o mensageiro dos que não podem falar.

P. — Alegria-me essa explicação, não porque eu haja alguma vez verificado qualquer personificação, mas porque é interessante e me ajuda a compreender as dificuldades com que lutais. Pode dizer-me mais qualquer coisa?

R. — Quando penetram no círculo para falar, os Espíritos se materializam, temporária e parcialmente, cobrindo suas bocas e línguas com a substância que fabricamos. Há uma ligação entre a laringe do médium e a boca e a língua materializadas do Espírito que fala, permitindo que as palavras, formadas por este, sejam ouvidas por vós outros. Sentimos então o que sentíamos quando na Terra. Os órgãos do falante assumem uma forma mais densa, a sua língua se espessa, sucedendo o mesmo com os outros órgãos materializados. Não nos podeis ouvir, enquanto não nos servimos de matéria de mais lenta vibração, pelo que só encontrando alguém, como o médium, que nos supra do seu ectoplasma, que apropriamos às nossas necessidades, é que podemos fazer-nos ouvidos por vós. É preciso o ectoplasma e a substância química que fornecemos. Sem isso, não haveria materialização.

P. — Que substância é essa?

R. — O químico, que se acha a meu lado, me diz lhe responda que nenhuma utilidade vos teria os seus ingredientes, porquanto nenhuma significação apresenta para vós, na Terra. Diz, entretanto, que o produto que ele fabrica é uma substância por meio da qual as coisas materiais podem mover-se. Nada se pode mover sem ela. Todos os corpos físicos se compõem de muitos ingredientes diversos, dos quais tiramos a substância a que dais o nome de ectoplasma.

P. — Pode ainda dizer-me mais alguma coisa?

R. — Tenho de me retirar, mas, antes de fazê-lo, gostaria de dizer-lhe, senhor, que fui educado na crença católica romana; mas, não vim para aqui como um católico romano. Antes de vir para cá, renunciara a todos os credos. Vim como livre-pensador, não acreditando absolutamente na sobrevivência. Vim despojado apenas do meu corpo físico. Quando entro em contacto com o plano terreno, tudo o que me cerca equivale, praticamente, ao mundo físico; porém, em esferas mais elevadas, nós nos libertamos das condições terrenas. Agora, meti-me, por algum tempo, nestas últimas condições e faço parte do vosso mundo. Posso tocá-lo (senti um toque no meu braço esquerdo) e tenho consciência de que o toco. (As mãos e os pés de Sloan continuavam fiscalizados por mim. Se a senhorita Millar me houvesse tocado, teria parado de escrever; entretanto, seu lápis nunca estacionara e, ao dizer-lhe que fora tocado, ela imediatamente me respondeu do lugar que sempre ocupou na sala.) Muitos dentre nós, no estado que nos é normal, tocam às vezes os nossos irmãos da Terra e, a princípio, ficam tristes porque esses irmãos não se apercebem do fato, esquecidos aqueles que com os nossos corpos mais delicados não podemos ser vistos, nem sentidos. Tenho que me ir. Adeus! Greentree lhe falará novamente.

P. — Uma vez coleí meu ouvido à boca do médium, estando uma voz a falar, e ouvi um som sibilante. A voz de meu pai falava no outro extremo do círculo a meu irmão e ainda aí as palavras não vinham dos lábios do médium, mas apenas um brando sibilo. De outras vezes, em que fiz a mesma coisa quando uma voz falava, nada ouvi. Que era esse som sibilante que percebi?

R. — Da boca do médium sai um tubo ectoplásmico para levar as vibrações, da sua laringe ao Espírito que fala. A laringe do médium é utilizada para fazer vibrar a atmosfera; a

boca, a garganta e a língua materializadas do Espírito formam as palavras. O senhor foi muito feliz em ouvir esse sibilo. Os cientistas da Terra, interessados pelos fenômenos psíquicos, ficariam contentes se houvessem feito essa sua experiência, porque ela representa alguma coisa que lhe dá um ponto de partida para adquirir certo conhecimento real de como se produz a voz.

P. — Pode dizer mais alguma coisa acerca da máscara de que usais para falar?

R. — Pode chamar-lhe uma máscara ou um mudo (1). Reunimos o ectoplasma proveniente dos assistentes, num recipiente a que darei o nome de vaso, sem que seja um vaso físico. Se quiser esperar um momento, tentarei mostrar-lho. (As mãos e os pés de Sloan continuavam fiscalizados. Esperei e gradualmente foi surgindo por cima da sua cabeça um objeto luminoso, que tomou o aspecto de um grande vaso de flores e logo desapareceu repentinamente.) Viu? (Vi, respondi eu.) Pois bem: é dentro disto que reunimos o ectoplasma, ao qual o químico junta seus ingredientes. O produto dessa mistura é matéria de vibração bastante lenta para fazer vibrar a vossa atmosfera. A máscara, enquanto dela não se serve o Espírito que quer comunicar-se, é incapaz de falar sozinha. O Espírito abaixa o tom de seus órgãos vocais e assim estabelece contacto entre esses órgãos e a máscara. Sendo bastante a força magnética ou psíquica, não há dificuldade em obter-se coesão suficiente entre os órgãos do que fala e a máscara. Conseguida essa coesão, o material ectoplásmico se movimenta ao mesmo tempo que os órgãos vocais do Espírito. JÊ exatamente como se cobríssemos a nossa boca e a nossa língua com esse material. Este se lhes gruda e com eles se movem.

P. — Tem peso essa máscara? Uma balança o acusaria?

R. — Tem. O ectoplasma tomado aos assistentes tem peso, tanto que o destes diminui na proporção da quantidade em que lhes ele é extraído. Se as pessoas presentes à sessão se sentassem, durante esta, numa balança, verificariam ter sofrido uma diminuição de peso. Voltando o ectoplasma, finda a sessão, para os assistentes, volta-lhes também o peso normal. (A exatidão deste fato já foi provada experimentalmente.)

P. — Quando controlais o médium e fazeis uso de seus órgãos vocais, que é o que realmente acontece? (Isto se refere às manifestações pelo transe e não à voz direta.)

R. — Estando controlado o médium, se queremos falar pelos seus órgãos vocais, pomolo numa condição de inteira passividade. É a condição em que ele vem a estar no transe. Seu Espírito deixa o corpo por algum tempo e se coloca ao lado. Uma vez nessa condição, podemos atuar-lhe sobre a laringe, as cordas vocais, a língua e os músculos da garganta. Não operamos no seu interior, mas de pé atrás dele. Podemos colocar-nos na condição do médium, ou afinados com ele, mediante uma extensão que, quando movemos os nossos órgãos vocais, faz que os do médium semelhantemente se movam. Há um elo de conexão, etéreo ou físico, podeis chamar-lhe de um modo ou doutro, que tem a mesma ação sobre os músculos do médium, que um diapasão sobre outro, desde que ambos estejam afinados no mesmo tom. Trabalham assim harmônicas as duas sedes de órgãos vocais. Não há aqui o caso de as mensagens serem influenciadas pela mente do médium, porque esta de nenhum modo intervém na operação. Não trabalhamos através da sua mente, mas, diretamente, sobre seus órgãos vocais. Tudo o que vem a exteriorizar-se é tal qual saiu da mente do Espírito que o controla. A mente e o cérebro do médium são postos fora de ação, temporariamente, e o Espírito que opera lhe controla os músculos dos órgãos vocais.

P. — O médium se acha ainda em transe. Onde tem estado o seu espírito, desde que o transe começou?

R. — O iniciar-se o estado de transe quer dizer que o espírito do médium se retirou do seu corpo. Neste instante, está precisamente à sua direita, não longe do corpo.

P. — Poderá dizer-me ainda alguma coisa acerca do controle que exerceis sobre o médium durante o transe?

R. — Ponho-me em condições terrenas, abaixo as minhas vibrações e me coloco por detrás dele. O ectoplasma se encontra em todos os pontos do corpo humano. Colocado por detrás dele, é como se estivesse atrás da máscara; apenas, neste caso, são os próprios órgãos vocais do médium que eu aciono para formar as palavras. Esses órgãos se movem simultaneamente com os meus. Para falar diretamente, com exclusão do médium, metemo-nos na máscara e formamos as palavras com as nossas próprias línguas, que se acham momentaneamente materializadas.

Neste ponto da resposta, Sloan se pôs de pé e eu fiz o mesmo. Disse então Greentree que interrompera a conversa para me mostrar uma coisa.

“Mostrar-lhe-ei que seu espírito (o do médium) se encontra fora do corpo. O senhor está com ambos os braços estendidos, porque lhe está segurando as mãos. Tente agora baixar-lhe os braços.”

Tentei, mas estavam duros como se fossem de madeira. Senti-lhe os músculos e verifiquei que todas as partes do seu corpo apresentavam a mesma rigidez. “Rigor mortis”, exclamou uma voz e verdadeiramente o era. Por mais força que empregasse, não consegui mover-lhe nenhum dos braços, nem para cima, nem para baixo. Desisti, reconhecendo que, se fizesse muita força, lhos quebraria. Outra voz disse então: “Traremos de novo seu espírito e o tiraremos do transe.” Gradativamente os músculos se foram afrouxando e eu delicadamente o sentei de novo na cadeira. Dali a poucos minutos Sloan falou, perguntando se tínhamos tido uma boa sessão.

Ele não é tão alto nem tão musculoso quanto eu; entretanto, na primeira ocasião que se me deparou, pedi a um homem mais musculoso do que eu que ficasse de pé com os braços estendidos e os mantivesse retesados, e tentei abaixá-los. Não encontrei a menor dificuldade em consegui-lo e os meus leitores podem fazer por si mesmos a experiência. Evidentemente, para me fornecer uma última prova, Greentree, naquela ocasião, apartou para longe do seu corpo o espírito de Sloan, de sorte que ele esteve como morto durante algum tempo. No transe ordinário, o espírito e o corpo devem conservar-se em ligação íntima, porquanto nunca se observa a rigidez dos músculos. Foi uma experiência que não tive a satisfação de ver repetida várias vezes; apenas de uma outra feita pude tê-la renovada.

Concluirei o relato destas experiências no capítulo que se segue.

(1) Por “mudo”, ou, como dizem os ingleses, “dummy”, designa-se a pessoa que falta num jogo de cartas entre quatro, mas no qual só tomam parte três, sendo postas a um lado as cartas que pertenceriam à quarta pessoa, se houvesse.

METAPSÍQUICA HUMANA

ERNESTO BOZZANO

Cap. XI §8 (144)

Não é fácil, pois, interpretar as estranhas afirmações de Sudre referentes à “aparição

rara, mas real, de indivíduos tele plásticos que, embora com todas as aparências de vida, como Katie King, não nos devem trazer ilusão. São fenômenos que nada têm de biológico”. Mas por que, perguntamos, por que esse convite a não nos deixarmos iludir a respeito da natureza biológica de Katie King? Todos os organismos vivos pertencem à Biologia. É claro não ser ela produto da ontogênese, mas é certo também não ter Sudre com aquela sua frase querido referir-se a este ponto. Se assim fosse, a sua descoberta empanaria a reputação do velho e glorioso La Palisse. Mas que poderá então ter ele querido dizer? Dir-se-ia ser intenção sua contestar seriamente em Katie King um corpo organizado, mas, diante da evidência dos fatos, essa pretensão de tal sorte seria absurda que eu não posso admiti-la e prefiro crer que, precisando safar-se da situação em que o coloca o fantasma materializado de Katie King, não teve remédio senão lançar mão do primeiro recurso encontrado, que, como sempre, foi o de uma das suas frases já de nós tão conhecidas.

Sobre a existência indubitável de uma “força organizadora” nos fenômenos de materialização, devo lembrar a Sudre que, relatando as experiências do Prof. Richet, na Argélia, e referindo-se ao fantasma materializado de Bien Boa, foi ele mesmo um dos que observaram: “Respirava como se vivo fosse e de tal modo que o Prof. Richet conseguiu o precipitado branco de carbonato, fazendo que ele respirasse dentro de um copo em que se encontrava água de barita.”

Ora, se o fantasma respirava é porque era dotado do sistema respiratório e circulatório e, por conseguinte, ainda nesse caso, tratava-se de um fantasma organizado e não plastificado.

Compreende-se, pois, que os fenômenos de materialização se dividem em duas categorias especiais, sendo uma da outra complementar. A primeira compreendendo os provocados por uma “força plastificante” ao serviço do pensamento subconsciente do médium e que pode ser utilizada indiferentemente para materializar objetos inanimados, tanto como para reproduzir em efígie cabeças humaneis chatas ou em relevo. A segunda, que se refere aos fenômenos provenientes de uma “força organizadora” a que se devem atribuir as materializações de membros, de cabeças normalmente conformadas e de organismos humanos mais ou menos integralmente constituídos.

Voltando a Sudre, verifico que, seja qual for a sua opinião sobre as objetivações plásticas e as criações orgânicas, ele caba por concluir que, por meio da ideoplastia combinada com a prosopopese-metagnomia, se conseguem fartamente explicar os fenômenos de materialização. Ele o afirma nos termos seguintes:

É, pois, lógico que todos os fenômenos de materialização dependem desta causa, desde os objetos inanimados, desde a vestimenta dos fantasmas até os fantasmas mais completos. A semelhança que estes últimos podem apresentar com pessoas que viveram provém da lembrança do paciente ou dos assistentes. É um fenômeno de criptomnésia, seguido de uma objetivação.

Assim resolve Sudre o importante problema com uma simplicidade de meios espantosa. Suas afirmações conclusivas, sendo literalmente gratuitas, não passam de expressões desprovidas de qualquer sentido; demonstram que o autor não se preocupou de modo algum com aplicar os processos de análise comparada aos fenômenos que discute.

Resta-me apenas provar, fundado nos fatos, que tudo concorre para demonstrar que as formas completamente materializadas não são meras “criações plásticas”, mas “criações orgânicas” e que os processos de análise comparada forçam a conclusão de que muitas

vezes a “Ideia diretora”, ou a “Vontade em ação”, de que provêm, é completamente estranha ao médium e aos assistentes, o que por completo exclui as hipóteses combinadas da ideoplastia, da prosopopese, da criptomnésia, da criptestesia e da metagnomia, de todo insuficientes para explicar os fatos.

Começarei pelo caso clássico de Katie King. Não há quem não o conheça; abster-me-ei, portanto, de narrá-lo.

Como se tratasse de uma personalidade medianímica, que afirmava ter vivido alguns séculos antes, não foi possível cuidar-se da identificação pessoal. O caso todavia se apresenta como um dos mais eloquentes a favor da existência independente dessa personalidade, porque se trata de uma entidade na posse de todos os atributos intelectuais capazes de caracterizar uma individualidade psíquica independente.

Em primeiro lugar, achamo-nos diante de uma personalidade medianímica, cujo poder de manifestação atinge tal grau de perfeição, que se pode manter em estado de perfeita materialização durante horas a fio, passeando livremente no quarto das sessões, tomando parte na conversa, materializando-se espontaneamente, mesmo em plena claridade do dia, isto durante três anos consecutivos, em sessões que se sucediam inúmeras e em grande parte realizadas na própria casa do Sr. Crookes.

Além disso, não podemos deixar de ter em conta que essa admirável personalidade medianímica, dotada de todos os predicados de uma individualidade pensante, não cessava de afirmar, do modo mais peremptório, a sua existência espiritual independente; dá o nome por que foi conhecida em vida, conta tristemente as vicissitudes dolorosas da sua curta existência terrestre, enquanto se ocupa de provar ainda, por outra forma, a sua independência espiritual, mostrando-se aos experimentadores ao mesmo tempo que o médium, deixando-se fotografar com este último e com o Sr. Crookes, permitindo a este e à Sra. Marryat de apalparem-na, de abraçarem-na, de escutarem-lhe as pulsações do coração, de sentirem-lhe o bater do pulso e, enfim, acordando a médium e com ela conversando.

NO LIMIAR DO INFINITO

JOANNA DE ANGELIS - DPF

Cap. 2 §15 (29)

Alguns, ingênuos, permanecem na problemática em termos de que são os Espíritos seres tão imateriais, que, inconcebíveis, catalogam como *fantasmas*, correspondendo tal atitude aos anseios íntimos. Temem-nos, insistem por ignorá-los e, mesmo instados ao exame da sua estrutura real, supõem-nos *coisas*, *fumaças* que ideavam os contos infantis do passado.

A vida, porém, tem no mundo espiritual as suas matrizes. O mundo corporal é materialização pura e simples das construções transcendentais das esferas do Espírito.

A roupagem orgânica é elaborada pelas fixações mentais e ambições morais de cada um, na imensa romagem evolutiva.

À semelhança do corpo, ou melhor, semelhante ao espírito é a fisiologia orgânica, porque este, o ser, possui *organização fisiológica* obviamente mais complexa do que aquela que constitui a maquinaria física.

Individualidade eterna e personalidade que resulta de cada experiência reencarnacionistas por processo automático de ideoplastia inconsciente, fixam-se nas telas

da mente espiritual as lembranças, aptidões e ocorrências máximas que personalizam a entidade, mantendo-a nos padrões em que melhor fixou as finalidades da aprendizagem educativa. . .

Transfere-se de uma para outra existência a soma das aquisições que elaboram necessidades e promovem conquistas sem privilégios, nem punições.

Quando o homem abandona os despojos carnis pelo fenômeno da morte, transmuda-se de posição vibratória, continuando, porém, integralmente, com o que armazenou e conseguiu, não obstante a ausência das expressões materiais, no sentido de organização somática.

Nem deus, nem demônio.

Nem capacidade mirabolante, sobrenatural de tudo poder, nem tampouco a imprudente tônica demoníaca de a tudo e todos atenuar ou destruir.

Nenhum outro culto, senão o da amizade e da gratidão em orações e pensamentos salutares, também receio de natureza alguma.

São os Espíritos nossos irmãos na marcha da evolução, semelhantes a nós todos, melhores uns a esforço próprio, menos bons outros, atormentados outros mais, desencarnados ou encarnados, sob a guarda e inspiração da divina misericórdia de Nosso Pai.

ANÁLISE DAS COISAS

PAUL GIBIER

3ª Parte Cap. VII (152)

Já que falei de materializações, acrescentarei — não entrando, porém, em maiores detalhes, porque para os elementos da questão sou sempre forçado a indicar o que já escrevi anteriormente — que nas sessões de “materializações” — tomemos nota — qualquer um pode ver uma pessoa de sua família, morta há mais ou menos tempo, aparecer-lhe e falar-lhe. Podemos apertar a mão da forma materializada, apertar essa forma em nossos braços e ter a ilusão completa de que a pessoa está viva. Ela conversa conosco a respeito de coisas perfeitamente particulares e só conhecidas de ambos. Sua voz não muda. A aparição tem um coração que bate, podemos auscultá-lo assim como os pulmões onde o ar penetra regularmente. (Vede as experiências de W. Crookes) (1). Podemos fotografar a forma. Ela deixa-nos a impressão, ou, antes, o modelo da mão e até da cabeça (há muitos exemplos), com o auxílio de parafina derretida, que se faz resfriar rapidamente antes que a “materialização” se desvaneça.

(1) Fatos Espíritas — Livraria da Federação Espírita Brasileira — Rio de Janeiro.

ESPÍRITO, PERISPÍRITO E ALMA

HERNANI GUIMARAES ANDRADE

Cap. VIII §99 (189)

Sem dúvida, o fenômeno da ectoplasmia é um evento da mais alta transcendência. Em particular, nos casos da "materialização de ordem superior" quando são produzidos os "agêneres ectoplásmicos", vemos surgir um ser vivo completo, com todos os seus órgãos e funções biológicas idênticos aos de qualquer organismo vivente. Em uma das manifestações do agêneres ectoplásmico "Bien-Boa", graças à mediunidade de Marthe Beraud, o Dr. Charles Richet e Gabriel Delanne fizeram com que a "materialização" soprasse o ar de seus pulmões através de uma solução aquosa de barita, usando um pequeno tubo. O resultado foi o turvamento do líquido, revelando a presença do gás carbônico, fenômeno peculiar aos organismos vivos normais! (Richet, C. – *Traité de Métapsychique*, p.659).

HIPNOTISMO E MEDIUNIDADE

CESAR LOMBROSO

Parte II Cap. VII (270)

Crookes anotou o número de pulsações cardíacas de Katie King, diferentes das do médium; Richet verificou a emissão de ácido carbônico na respiração do fantasma Beni Boa.

Parte II Cap. VIII (286)

A Richet (176) apareceu, em vinte sessões, junto do General Noel, na Argélia, um fantasma, Beni Boa, com elmo e turbante. Richet pôde ouvir o ruído dos seus passos, constatar o calor, anotar-lhe a respiração e premir os ossos das suas mãos. Tendo Richet preparado um copo com água de barita límpida, de modo que, soprando em um tubo, se podia fazer gorgolejar o ar expirado, Beni Boa tomou o tubo das mãos do General Noel, e, seguindo suas indicações, soprou de modo a fazer gorgolejar por espaço de meio minuto o ar expirado, provocando o embranquecimento do líquido, o que prova haver expirado ácido carbônico, como se vivo fosse.

E é curioso, a propósito, que ele depois, como que em uma ribalta, fora da tenda, agradeceu, com inclinações cômicas, os aplausos dos assistentes, que julgou a ele endereçados, e não pelo êxito da experiência científica. Vaidade que se perpetua no Além!

(176) "Les phénomènes de la Ville Carmen, avec documenta nouveaux", Paris, 1902.

FATOS ESPÍRITAS

WILLIAM CROOKES

Cap. 17 §18 (79)

Tenho a mais absoluta certeza de que a Senhorita Cook e Kátie são duas

individualidades distintas, pelo menos no que diz respeito aos seus corpos. Vários pequenos sinais, que se acham no rosto da Srta. Cook, não existem no de Kátie. A cabeleira da Srta. Cook é de um castanho tão forte que parece quase preto; um cacho da cabeleira de Kátie, que tenho à vista, e que ela me permitira cortar de suas tranças luxuriantes, depois de ter seguido com os meus próprios dedos até ao alto da sua cabeça e de haver convencido de que ali nascera, é de um rico castanho dourado.

Uma noite, contei as pulsações de Kátie; o pulso batia regularmente 75, enquanto o da Srta. Cook, poucos instantes depois atingiam a 90, seu número habitual. Auscultando o peito de Kátie, eu ouvia um coração bater no interior, e as suas pulsações eram ainda mais regulares, que as do coração da Senhorita Cook, quando, depois da sessão, ela me permitia igual verificação.

Examinados da mesma forma, os pulmões de Kátie mostraram-se mais sãos que os da médium, pois, quando fiz a experiência, a Senhorita Cook seguia tratamento médico por motivo de grave bronquite.

VOLTEI

IRMAO JACOB – FCX

Cap. IV-B §5 (46)

Em verdade, animavam-me outras disposições. Guardava a ideia de haver rejuvenescido. Toquei meu veículo novo. *Eu era o mesmo, dos pés à cabeça.* Coração e pulmões funcionavam regulares. Fascinava-me, porém, acima de tudo, o novo aspecto da paisagem. Casas, vegetação e o próprio oceano pareciam coroados de substância colorida. Que sugestões surpreendentes em torno! A claridade solar, em derredor, revelava maravilhosos cambiantes.

KATIE KING

WALLACE LEAL V. RODRIGUES

Cap. 9 §24 (81)

Florence Marryat, a famosa escritora, também testemunhou ter visto Katie e **Miss** Cook juntas. Em seu livro **“There is no death”** ela escreve:

“Ela me pediu que a seguisse até a sala de trás e tirou seu vestido de gaze branca, ficando inteiramente nua à minha frente.

— Agora, disse. — podes ver que sou uma mulher.

Era-o, de fato, e, além disso, a mulher mais perfeita que se poderia imaginar.

Cap.12 §9 (108)

O Espírito Katie saiu do gabinete várias vezes durante a sessão e passeou entre nós, exibindo seus pés descalços e, para demonstrar que não se sustinha nas pontas, como as bailarinas, bateu-os no soalho várias vezes. O exame de seus pés é um argumento de

grande importância, visto que se mostraram quatro centímetros maiores do que os pés de *Miss Cook*. Seu porte e a coloração de sua tez eram totalmente diversos dos da médium.

Em certo momento, ela atravessou a sala e se aproximou de mim. Pôs suas mãos em minha cabeça e se afastou. Então, pedi-lhe que retornasse e me abraçasse. Respondeu que tentaria atender-me. Alguns instantes depois, voltou outra vez até onde eu me encontrava, cercou-me com os braços, e, mais do que isto, beijou-me a testa três ou quatro vezes. Devo fazer constar aqui que, embora o som dos beijos fosse distintamente ouvido por todos e todos a tivessem visto abraçar-me, eu não senti o contato de seus lábios.

Cap. 5 §60 (141)

— Cortai os meus cabelos!

Nessa sessão Katie exibiu uma vasta quantidade de cachos que lhe desciam até à cintura. Tomei uma tesoura e me pus a cortar, decididamente, os seus cabelos, e isso tão rapidamente quanto podia, enquanto ela dizia:

— Podeis cortá-los todos, mas, como já vos disse, não podereis conservá-los.

Assim, pois, pus-me a cortar mechas atrás de mechas, mas, à medida que estas caíam no solo, outras surgiam em seu lugar. Então ela me disse que examinasse seus cabelos para ver se era possível ver onde haviam sido cortados. Por mais que procurasse não encontrei nenhum vestígio de corte. Os cachos que haviam caído no solo tinham desaparecido.

Na tarde de 9 de maio de 1874, Katie King me conduziu, atendendo ao meu pedido, para trás da cortina, onde pude ver muito vagamente os objetos que me rodeavam; aproximei-me de *Miss Cook* e lhe segurei a mão, enquanto, com a outra, peguei a de Katie, a qual se apoiava em meu ombro. Estou certa do que, naquela sessão, duas inteligências distintas estavam ao meu lado e posso jurar que a personalidade de Katie diferia completamente da personalidade de *Miss Cook*.

No dia 13 de maio, tornei a ver, uma vez mais, simultaneamente, as duas formas. Katie permitiu que todos os assistentes àquela sessão se aproximassem da cortina. Aumentaram a luz e todos pudemos ver a médium com seu vestido azul e, ao seu lado, o Espírito vestido de branco.

Na sessão de 21 de maio, que foi a última, Katie me permitiu vê-la por detrás da cortina; disse-me que colocasse minha mão sobre seu coração e posso afirmar que registrei suas pulsações se ela é uma “força psíquica”, assemelha-se perfeitamente a uma mulher.

Cap. 15 §67 (144)

Certa noite Katie King pediu-me que a acompanhasse até detrás da cortina do gabinete. Aí, para minha surpresa, desvestiu o seu amplo e belo vestido branco e ficou inteiramente nua à minha frente. Disse:

— Não te assustes! Desejo desta forma provar-te que sou realmente uma mulher.

E era-o, de fato, uma linda mulher, dotada de todos os órgãos que constituem o organismo feminino. Depois desta prova eu não podia mais duvidar.

Cap. 27 §27 (208)

Uma noite contei a pulsação de Katie; estava regular: 75 pulsações por minuto, enquanto a da médium, poucos instantes depois, alcançava 90, como lhe era habitual. Apoiando minha cabeça sobre o peito de Katie, ouvi o seu coração batendo, com maior naturalidade ainda que o da médium a qual, depois de terminar a sessão, permitiu-me fazer com ela a mesma experiência.

Examinados da mesma maneira, os pulmões de Katie pareceram mais sadios do que os da médium, que, naquela época, seguia um tratamento médico motivado por um reumatismo de que sofria

HIPNOTISMO E ESPIRITISMO

CESAR LOMBROSO

2ª Cap. VIII 2 §11 (179)

A Richet (*Les Phénomènes dits de Materialisation de la Villa Carmen*, Paris, 1902), apareceu em 20 sessões, com o general Noel, um fantasma. Beni Boa, com elmo e turbante.

Richet pôde sentir-lhe o rumor dos passos, verificar lhe o calor, notar-lhes a respiração, apertar-lhe os ossos da mão. A Sra. X em outras sessões ouviu-lhe a voz.

Richet preparou um vaso com água de barita límpida, disposto de modo que, soprando-se um tubo, se via gorgolejar o ar expirado. Beni tomou o tubo das mãos do General e soprou de modo que a água borbulhou por meio minuto, ficando o líquido esbranquiçado, o que provava que havia expirado ácido carbônico, como se fosse vivo.

O mais interessante é que, ouvindo os aplausos que saudavam o êxito da experiência, ele saiu do gabinete o agradeceu com inclinações cômicas, crendo que lhe fossem dirigidos e não ao resultado da operação científica. Vaidade que se perpetua no Além!

BÍBLIA

Lucas

Cap. 24 v. 42, 43

42. - Então eles apresentaram-lhe parte de um peixe assado, e um favo de mel;

43. - O que ele tomou, e comeu diante deles.

RECORDAÇÕES DA MEDIUNIDADE

BEZERRA DE MENEZES – Y. A. Pereira

Cap. 4 §45 (74)

— São, verdadeiramente, órgãos? — pois se referiam ao conjunto do perispírito.

- Órgãos, propriamente, como os do corpo físico humano não são nem poderiam ser. Não possuindo vocábulos para nos fazermos compreender melhor, convenhamos em chamar-lhes órgãos. São, porém, a forma semimaterial ideal dos mesmos órgãos humanos, como que baterias, acumuladores de vida intensa, poderosas e sensíveis ao mais alto grau que poderéis compreender, formas-sede de energias vibratórias incalculavelmente ricas. Essa vida, aí existente, é constituída pelas várias modificações do magnetismo ultrasensível e da eletricidade, cujos poderes totais o homem ainda não pôde abranger, ao passo que o conjunto é protegido pela camada vibratória da matéria mais rarefeita existente no planeta, a qual tudo reveste, modelando a figura humana ideal. Cada uma de tais baterias, ou órgãos, armazena uma força eletromagnética de grau ou sensibilidade diferente, ativando as funções do corpo humano: umas dão vida e energia ao cérebro, polo de maior importância em ambos os aparelhos, perispírito e físico terreno; outras ao coração, mais outras à circulação do sangue, outras mais às funções gástricas, hepáticas, genitais, etc., etc., enquanto que tudo será como que observado, dirigido ou fiscalizado pelo sistema nervoso, cuja sede, como sabeis, é este mesmo corpo. E assim sendo, as mesmas «baterias» trarão como que o desenho dos órgãos que deverão acionar no corpo humano... (1)

Tudo isso retive na lembrança, sonolentamente, enquanto me operavam, tendo eu a impressão de que, realmente, a ocasião fora aproveitada para uma aula, pois, como sabemos, o tempo nunca é perdido, no mundo espiritual, com uma só individualidade, tudo sendo motivo para esclarecimento e instrução à coletividade.

Auxiliavam o médico duas outras entidades desconhecidas para mim, ao passo que eu, em espírito, durante a operação, permanecia deitada sobre uma mesa em tudo idêntica às mesas de operação dos modernos hospitais, acima do corpo carnal inerte, o que quer dizer que o serviço era realizado no próprio aposento onde o corpo físico jazia inanimado.

Depois desse estranho acontecimento entrei em convalescença. Não obstante, ainda hoje tanto a fadiga física como o sofrimento moral fazem reaparecer as dores então sentidas e eu adoeço, sem, contudo, se constatar qualquer enfermidade do aparelho carnal. Detalhe curioso para os observadores da personalidade humana: Durante o estado agudo da inconsciência

(1) O leitor se admirará de que me fosse possível reter essa lição e descrevê-la vinte anos depois de tê-la ouvido. Mas temos de nos lembrar de que aquilo que se grava em nossa memória, durante os chamados "semitranses", se torna inesquecível para o estado de vigília, decalca-se em formas indeléveis e, quando necessário, estas se levantam dos arquivos em que estão contidas, pelos canais da Intuição. Assistido o médium, ao demais, pelos mentores espirituais, durante o exercício mediúnicos tornasse-lhe tão mais fácil a reprodução do que foi ouvido e visto muitos anos antes.

O QUE É A MORTE

CARLOS IMBASSAHY

Cap. VI C §7 (77)

Concluía o autor citando outros casos do mesmo gênero, ainda mais extraordinários, entre os quais o muito conhecido de um suboficial da guarnição de Antuérpia, que havia dois anos se queixava de persistente dor de cabeça, o que, entretanto, nunca o impedira de cumprir os deveres de seu posto. Tendo morrido subitamente, procederam-lhe à autópsia do cérebro e descobriram que um abcesso de evolução lenta lhe reduzira todo o órgão cerebral a uma

papa de pus.⁽⁶⁷⁾

Observava então o professor Morselli que tão extraordinárias exceções à regra constituíam, um enigma dos mais perturbadores da hodierna Psicofisiologia.

Por onde se vê que o cético professor, rendido à evidência, não pôde ou não soube explicar em termos de Fisiologia o caso extraordinário, caso que vinha demonstrar a afirmativa de que o espírito é independente do corpo e prescinde por vezes do cérebro, o que vem acentuar aquela independência.

Digamos que se entende por cérebro etéreo o cérebro perispiritual. Vamos, porém, a uma explicação rápida, a mais rápida possível, para não nos embrenharmos numa técnica difícil de entender e por isto fastidiosa.

Temos ligado ao espírito, e que o acompanha na vida e na morte, um outro corpo, uma espécie de luva, uma fôrma do corpo físico, que o reproduz anatomicamente e se denomina **perispírito**. É com esse corpo, possuidor de várias denominações, como corpo etéreo, corpo fluídico, corpo ódico, corpo astral, duplo fluídico, que os Espíritos se nos mostram durante a vida ou durante a morte, conseqüentemente desacompanhados das respectivas vestiduras somáticas.

É esse corpo que se desprende do ser vivo, ou melhor, do soma, deixando-o em ligeiro transe, por vezes imperceptível, ou a dormir, ou inerte, e vai apresentar-se alhures, como nos chamados casos de bilocação, de que se acham refertos os agiológicos, que são descritos pela História, profana ou eclesiástica, e enriquecem atualmente os anais da fenomenologia supranormal. O fenômeno é conhecido por diversos nomes como desprendimento, transporte espiritual, bilocação, bi corporeidade e outros. A bi corporeidade é fato indubitável para os que estudam o Psiquismo.

É esse corpo que se nota muitas vezes ao lado do outro, o físico, repetindo-lhe os movimentos como, entre vários, no célebre caso da senhorita Sagée.

Dir-se-ia o perispírito uma espécie de envoltório, de capa; esta não se desfaz com o corpo; é o indumento talvez eterno do Espírito; segue-o na morte; é nele que ficam gravadas as sensações de natureza física que o Espírito leva algumas vezes para o Espaço, mormente quando se acha muito materializado, muito impregnado de paixões mundanas e estas são bastas vezes um castigo aos seus desregramentos. O perispírito acompanha o ser em sua evolução, volta a novo corpo em suas reencarnações, e a esse corpo costuma transmitir as marcas, falhas, defeitos, deformações, deteriorações que os vícios e maus hábitos transmitiram ao corpo anterior; ele se transforma fluidicamente à proporção que o Espírito se aperfeiçoa, adaptando-se aos novos corpos, aos novos terrenos, aos novos planos de vida, às contingências das novas existências.

É com esse corpo fluídico que o Espírito se entremostra aos videntes; que é perceptível, que é assinalado nas sessões mediúnicas, que se incorpora na ectoplasmia, que é fotografável. E se torna por vezes o espantalho nas casas mal-assombradas, nos palácios infestados, o terror das crianças, neófitos e inexperientes, e passa a ter a denominação de "Alma do outro Mundo", que a tradição consagrou.

Ora, o cérebro etéreo seria a reprodução do cérebro material, a parte do perispírito correspondente a esse cérebro, o que nos explicaria os fenômenos que a Ciência desconhece, mas que realmente existem, embora o ignorem. Fica explicada a frase de Bozzano.

(67) E. Bozzano. *Animismo e Espiritismo*. Trad. de G. Ribeiro. Pág. 188.

Cap. VI C §19 (78)

No *Corriere dela Serra* de 30 de outubro de 1931, escrevia um médico: “Dizem-nos de Viena que ali foi feita audaciosa operação que consistia em retirar-se quase metade do cérebro do indivíduo, cujo crânio fora rachado com uma certa machadada. O operado pôde retornar às suas ocupações habituais com a integridade de suas faculdades psíquicas”.

O mesmo jornal menciona o êxito do Dr. W. Daudy, cirurgião de Baltimore, numa senhora atingida de um tumor cerebral no hemisfério direito. Dois meses depois da ablação, com exceção dos corpos estriados, a paciente tinha apenas a inevitável paralisia do lado esquerdo e anomalias da sensibilidade.

Edenger e Fisher estudaram o caso de uma criança que viveu quatro anos sem cérebro, apenas respeitados os centros estriados.

Brown Séquard comunicou ter observado um caso onde, na autópsia, encontrara todo um lóbulo cerebral inteiramente destruído, sem que se verificassem durante a vida do indivíduo, outras manifestações além de cegueira e dores de cabeça.

Chamava ele a atenção para a vida sem medula; referia-se aos pássaros e a um gato; este cresceu normalmente, embora privado de terço de sua medula. ⁽⁶⁸⁾

O citado Brown Séquard procurou explicar as anomalias que observou pelas substituições (par les suppléances), isto é, pela adaptação das células contíguas à função das atrofiadas ou desaparecidas. Essa hipótese, aliás inverificável, era posta em dúvida pelo Dr. Bouquet, para quem a explicação não abrangia as grandes deteriorações (L'explication ne vaut que pour les petits délabrements). De fato, com um cérebro todo, ou quase todo destruído, onde achar as células contíguas?

Escreve o Dr. Henri Bouquet em *Le Temps*: "Telegrama da Checoslováquia refere-se ao caso de um operário que ferido na cabeça apresentava uma abertura de 12cm de comprimento por onde escoava parte da matéria cerebral. Sem esperanças de salvá-lo, os cirurgiões limitaram-se a limpar a ferida, extrair os fragmentos de ossos e deixaram tudo como estava.

"Com geral espanto, o paciente, poucas horas depois, pedia comida e se entretinha com os que o cercavam. E o telegrama acrescenta: É um caso verdadeiramente único nos anais da Cirurgia' ⁽⁶⁹⁾

Mas não é o único, como veremos e como o afirma o Dr. Perin, que o comenta e declara: "Único? Estamos longe da conta. Conhecem-se alguns mais estupefacientes”.

Na presença de um deles declarava ironicamente um cirurgião de Lião: “Pelo que vejo, o cérebro serve unicamente para encher a cavidade craniana”.

O Professor Roesemuller cita várias autoridades que verificaram a persistência das faculdades psíquicas apesar de graves lesões cerebrais, e, entre elas, os cirurgiões Hirth, Hufeland e Ennemoser; notaram eles perdas sensíveis da matéria cerebral, sem que ficasse alterado o pensamento dos indivíduos. ⁽⁷⁰⁾

Schmick e Benecke citam o caso de um arquiteto, normal até o último instante, mas em cujo cérebro a autópsia encontrou grandes vazios.

Schleich observa vinte pessoas-com os cérebros gravemente lesados, sem alteração psíquica.

Benecke refere o caso de um amigo, o Professor Surya, que faleceu inteiramente lúcido.

Na autópsia verificou-se que o cérebro estava inteiramente decomposto e que essa anormalidade já devia durar desde muito tempo. ⁽⁷¹⁾

Hallopeau comunica à Sociedade de Cirurgia, em Paris, que uma jovem, em estado psíquico normal, fora operada e se lhe achou grande porção de matéria cerebral reduzida a matéria líquida. ⁽⁷²⁾

Conforme o Dr. Iturricha, uma jovem morrera em pleno uso de suas faculdades mentais, tendo a massa encefálica destacada do bulbo; estava nas condições de uma pessoa decapitada. ⁽⁷³⁾

Saint Marck refere-se à operação em um oficial em cujo cérebro encontrara um montão de pus. Cumpria, entretanto, normalmente, suas obrigações. ⁽⁷⁴⁾

Edmond Perrier comunica à Academia de Ciências de Paris que um indivíduo falecera com seus sentidos normais. Na autópsia verificou-se que o cérebro se apresentava sob a forma de delgada casca de onde o pus espirrava. ⁽⁷⁵⁾

Ennemoser, em documentada publicação, declara que a razão, a vontade, a consciência se conservam intactas em vários casos, apesar da extinção da matéria cerebral. ⁽⁷⁶⁾

Von Kern apresenta o caso de um homem cujo cérebro estava em parte dissolvido, sem que houvesse sinal de alteração do espírito. Verificação idêntica apresenta o Dr. Huschland; declara ele que a sua doente tinha o cérebro semelhante a uma caixa d'água; não havia ali traço de massa encefálica. ⁽⁷⁷⁾

O Dr. Olivecrona assegura que ele e seus colaboradores operaram, em Budapeste, importantes massas cerebrais, sem que notassem alterações nas faculdades psíquicas dos enfermos. ⁽⁷⁸⁾

Finalmente, o nosso patrício Dr. Leonídio Ribeiro, em jornais, revistas e livros, reporta-se ao que observou na Inglaterra e declara que a destruição ou o isolamento completo de parte do cérebro não implica o desaparecimento ou perturbação dos fenômenos de consciência, como ocorre, por exemplo, nos casos de traumatismo do cérebro ou em certas doenças mentais. Há casos de tumores que chegaram a destruir completamente a região hipotalâmica sem que os pacientes apresentassem distúrbios graves da consciência. Já se praticam correntemente extirpações totais dos lobos frontais, em casos de tumores que se estendem até a outras regiões do encéfalo, sem que a personalidade seja seriamente atingida. E o mesmo professor lembra a opinião de Lhermitte, a de que seria uma quimera procurar a sede das faculdades intelectuais e morais.

Já o Dr. Gabriel Gobron assinalava em *Le Cerveau Humain* que havia uma demarcação vaga, indecisa, entre as sensações, as percepções e a memória. Seria impossível determinar de que parte do cérebro depende tal função. Também assegurava Dewelshauvers que não é possível localizar a menor das sensações e muito menos assinalar no córtice cerebral as faculdades que se chamam vontade, sentimento, imaginação...

Em suma, o que a Fisiologia descobriu é que, normalmente, comumente, o cérebro é necessário à manifestação do Espírito. O estudo de determinados fatos fisiológicos, psíquicos ou Metapsíquicos, provam, entretanto, que a dependência não é constante, absoluta. O Espírito faz-nos, por vezes, o efeito de certos mágicos a quem se amarra ou acorrenta com laços e cadeias irremovíveis; ei-los, porém, que se desembaraçam, não se sabe como, e se apresentam em cena, sorridentes, completamente livres.

O mecanismo cerebral é inútil como prova a favor das doutrinas materialistas.

(68) Dr. Roger Morvand. Documents pour servir à Vétude de la vie

(69) Dr. Henri Bouquet. "Le Paradoxe du Cerveau", pub. em *Le Temps*. Paris, 15 Nov. 1935.

- (70) M. Roesemuller. *Die ubersinnliche Welt*. 1923, n. 10. Pág. 23.
 (71) Benecke. *Walnes Leben*. 1923. Pág. 34.
 (72) Dr. Hallopeau. *Annales des Sciences Psychiques*. Paris, 1914.
 (73) Paure da Rosa. *Estudos Psíquicos*. Lisboa, julho de 1949.
 (74) Le Clément de St. Marck. *Revue Scientifique et Morale*. 1907. Pág. 275.
 (75) Prof. Dr. Edmond Perrier. *Annales des Sc. Psychiques*. Paris, 1914. Pág. 29.
 (76) Dr. Ennemoser. *Zeitschrift fuer Metapsychische Forschung*. Out. 1939.
 (77) Dr. Huschland. *Journal de Médecine Pratique*. Outubro, 1928.
 (78) Dr. Olivecrona. *Ricerca Psíquica*. Milão, 1938. Pág. 102.

ANTOLOGIA DO PERISPÍRITO

JOSE JORGE

Ref. 281

O fluido perispiritual só pouco a pouco se desprende de todos os órgãos.

Ref. 392

O Perispírito é o órgão sensitivo do espírito, por meio do qual este percebe coisas espirituais que escapam aos sentidos corpóreos.

Ref. 866

A visão ocular não é mais do que a manifestação externa da faculdade visual, que tem a sua expressão ampla na visão interna.

A visão interior exterioriza-se e traduz-se pela ação dos sentidos, tanto na vida física como na vida psíquica. No primeiro caso, o órgão terminal pertence ao corpo material; no outro caso são os órgãos do corpo fluídico.

Ref. 1003^a

Além disso o contentamento desta hora robusteceu lhe sobremaneira, os centros perispirituais. Impossível, desta forma, evitar a sensação angustiosa no contato com os órgãos doentes

Ref. 1028

30— Há órgãos no corpo espiritual?

— Dentro das leis substanciais que regem a vida terrestre, extensivas às esferas espirituais mais próximas do planeta, já o corpo físico, excetuadas certas alterações impostas pela prova ou tarefa a realizar, é uma exteriorização aproximada do CORPO PERISPIRITAL, exteriorização essa que se subordina aos imperativos da matéria mais grosseira, no mecanismo das heranças celulares, as quais, por sua vez, se enquadram nas indispensáveis provações ou testemunhos de cada indivíduo.

PSI QUÂNTICO

Hernani Guimarães Andrade

Cap. XI H (216)

A Perfeição dos Órgãos

Quando se analisam cuidadosamente os órgãos dos seres vivos, sejam os dos vegetais, ou dos animais, sente-se que algo mais deve ter intervindo na evolução biológica, além das mutações aleatórias e a seleção natural. Particularmente os órgãos dos sentidos, como o olho e o ouvido, parecem ser sobretudo a obra de um refinado "projetista técnico", ao invés de ser o simples efeito do acaso combinado com a seleção natural, próprio Darwin, em suas cartas, revelava as suas preocupações, por exemplo, acerca da origem e evolução do olho. Este órgão, realmente, é muitíssimo mais perfeito do que a mais sofisticada máquina fotográfica, pois a distância focal e a luminosidade regulam-se automaticamente, além de ser, o olho, capaz de volver-se à vontade em direção ao campo visual. *Cuénot*, em sua obra: *Invention et Finalité en Biologie*; Bibl. Philos. Scient.; Paris: Flammarion, 1941, pp.191-192, assim se expressa:

"Além disso, não deve olvidar-se que o olho não funciona somente como um aparelho que dá ao animal sensação de luminosidade, de movimento e de forma; na realidade, está ligado a quase todos os demais sistemas orgânicos: dirige a forma de locomoção, é o ponto de partida dos fototropismos, das mudanças de coloração (homofania, homocromia variável), decide sobre a forma de nutrição (um animal carnívoro precisa ter excelente vista); inclusive tem relações com a reprodução: as atitudes e a corte nupcial, os caracteres sexuais secundários, não teriam sentido se não estivessem destinados a chamar a atenção visual e provocar por este meio os reflexos preliminares à fecundação; *J. Beno-cí* demonstrou que a excitação do agente luminoso, atuando sobre a retina ou sobre o nervo óptico₃excita, por sua vez, mediante a ação da hipófise, a atividade das gônadas quando se encontram em repouso (reflexo óptico-sexual); a migração das aves₃ também ligada ao fator sexual está em relação com a maior ou menor duração dos dias em um lugar de terminado, quer dizer, com a luz." (LEONARDI, P.
- La Evolucion Biológica; 324-325).

Há um peixe americano, o *Anableps tetrophthalmus*, que costuma nadar à flor da água. Conforme uma monografia de *G. Ovio* (*Anatomia e Visiologia dell'Occhio nella Serie Animale*; Milão, 1925, pp.67-68), os olhos desse animal estão divididos em duas partes: a superior está adaptada para a visão ao ar livre; a inferior adaptada para a visão sob a água. Os olhos desse peixe fazem lembrar as lentes bifocais usadas comumente em óculos. (LEONARDI, P., opus. citT p. 3 2 5).

Não menos impressionante são os detalhes do órgão da audição nos animais. No homem, em conjunto com o ouvido, encontra-se o órgão do equilíbrio. Além de ser uma maravilha de engenharia acústica, o sentido completo da audição está de tal forma combinado com o sistema nervoso central, que permite ouvir-se seletivamente qualquer sinal sonoro, destacando-o em meio a uma confusão de sons e outros ruídos.

Mas, de todos os órgãos, devemos destacar o cérebro, cuja perfeição, complexidade e superdimensionamento são uma eloquente evidência de que o acaso cego seria absolutamente incapaz de atingi-las. Por mais persuasiva que seja hipótese mecanicista, das lentas mutações ocasionais combinadas com a seleção natural, nossa razão se insurge contra a insinuação de que teria sido este o mecanismo único que facultou à vida a conquista da organização cerebral. O sistema nervoso do mais simples e ínfimo ser vivo já é uma

maravilha, que dificilmente os homens conseguirão reproduzir à custa de raciocínio e refinadas técnicas. Além disso, como se explicam as funções paranormais, dentro de um esquema puramente materialista e mecanicista? Se elas são funções psíquicas e produzidas unicamente pelo funcionamento do cérebro material, como apareceram no processo evolutivo?

Acreditamos não haver necessidade de mais exemplos do que estes poucos apresentado até aqui, para demonstrar que a teoria mecanicista apresenta insuficiências marcantes. Não estamos, com isto, sugerindo que o *darwinismo* e mesmo o *neodarwinismo* sejam inteiramente inadequados para explicar o mecanismo da evolução biológica. Pensamos que eles esclarecem uma grande parte da evolução, mas não completamente, pois deixam de levar em consideração outros aspectos do fenômeno da vida; entre eles os que apontamos e, também, as recentes descobertas feitas pela Parapsicologia, já incorporadas no conjunto dos fatos comprovados cientificamente.

Subsequentemente iremos focalizar novamente o problema da evolução biológica, visto sob outro prisma.

REVISTA ESPÍRITA 1860

ALLAN KARDEC

Novembro 4º artigo (357)

PALESTRAS FAMILIARES DE ALÉM-TÚMULO

BALTAZAR, O ESPIRITO GASTRÔNOMO

Numa reunião espírita particular apresentou-se espontaneamente um Espírito, sob o nome de Baltazar, e ditou a seguinte frase por meio de batidas:

“Gosto do boa mesa e das mulheres; viva o melão e a lagosta, o café e o licor!”

Pareceu-nos que tais disposições de um habitante do outro mundo poderia dar lugar a um estudo sério, do qual poderíamos tirar um ensinamento instrutivo sobre as faculdades e sensações de certos Espíritos. A nosso ver, era um interessante objeto de observação que se apresentava por si, ou, melhor ainda, que talvez tivesse sido enviado pelos Espíritos elevados, desejosos de nos fornecer meios de instrução. Seríamos culpados se não o aproveitássemos. É evidente que aquela frase burlesca revela, da parte do Espírito, uma natureza muito especial, cujo estudo pode lançar uma nova luz sobre o que podemos chamar a fisiologia do mundo espírita.

Eis por que a Sociedade julgou dever evocá-lo, não por um motivo fútil, mas na esperança de encontrar um novo assunto para instrução.

Certas pessoas creem que só se pode aprender com o Espírito dos grandes homens. É um erro. Sem dúvida só os Espíritos de escol nos podem dar lições de alta filosofia teórica; mas o que não importa menos é o conhecimento do estado real do mundo invisível. Pelo estudo de alguns Espíritos, surpreendemos, de certo modo, a natureza em flagrante. É vendo as chagas que podemos encontrar o meio de curá-las. Como nos daríamos conta das penas e sofrimentos da vida futura, se não tivéssemos visto Espíritos infelizes? Por eles compreendemos que se pode sofrer muito sem estar no fogo e nas torturas materiais do inferno; e esta convicção, dada pelo espetáculo da ralé da vida espírita, não é uma das

causas que tenham contribuído menos para atrair partidários à doutrina.

1. *Evocação*: - Meus amigos, eis me ante uma grande mesa, mas ah! Está vazia!
2. Esta mesa está vazia, é certo; mas quereis dizer-nos de que vos serviria se estivesse carregada de alimentos? que faríeis deles? — Sentiria o seu aroma, como outrora lhes saboreava o gosto.

OBSERVAÇÃO: A resposta é todo um ensino. Sabemos que os Espíritos têm as nossas sensações e percebem os odores tão bem quanto os sons. Não podendo comer, um Espírito material e sensual se repastam da emanção dos alimentos; saboreia-os pelo olfato, como em vida o faria pelo paladar. Há, pois, algo de material em seu prazer; mas como, na verdade, há mais desejo do que realidade, este mesmo prazer, aguilhoando os desejos, toma-se um suplício para os Espíritos inferiores, que ainda conservaram as paixões humanas.

3 — Falemos muito seriamente, peço-vos. Nosso propósito não é brincar, mas Instruir-nos. Tende a bondade de responder seriamente às nossas perguntas e, se for necessário, servi-vos da assistência de um Espírito esclarecido.

Tendes um corpo fluídico, bem o sabemos. Mas dizei, nesse corpo há um estômago?

— Estômago fluídico também, onde só os aromas podem passar.

4 — Quando vedes comidas gostosas, sentis vontade de comer? — Ah! comer! Eu não posso mais. Para mim, esses alimentos são o que são as flores para vós: cheirais, mas não comeis. Isto vos contenta. Então! também eu fico contente.

5 — Sentis prazer vendo os outros comerem? — Muito, quando estou perto.

6 — Sentis necessidade de comer e beber? Notai que dizemos *necessidade*; há pouco havíamos dito *desejo*, o que não é a mesma coisa. — Necessidade, não; mas desejo, sim, sempre!

7— Esse desejo fica plenamente satisfeito pelo cheiro que aspirais? **É** a mesma coisa que se realmente comêsseis? — É como se eu vos perguntasse se a vista de um objeto que desejais ardentemente vos substitui a posse desse objeto.

8— Assim, parece que o desejo que experimentais deve ser um verdadeiro suplício pois não há prazer real... — Suplício maior do que pensais. Mas eu procuro atordoar-me, criando-me a ilusão.

9— Vosso estado nos parece muito material. Dizei-nos: dormis algumas vezes? Não; gosto de rodar um pouco por toda parte.

10— O tempo vos parece longo? por vezes vos aborreceis? — Não; eu percorro as feiras e os mercados; vou ver chegar a pescaria e com isto me ocupo muito bem.

11— Que fazíeis quando na Terra?

NOTA: Alguém diz: sem dúvida era um cozinheiro. — Gastrônomo, não glutão; advogado, filho de gastrônomo; neto de gastrônomo; meus pais eram *fermiers généraux* (financistas que na antiga monarquia contratavam a cobrança de impostos). Respondendo à reflexão precedente, o Espírito acrescenta: “Bem vês que eu não era cozinheiro. E não te convidaria para os meus almoços, pois nem sabes comer nem beber.”

12 — Há muito tempo que estais morto? — Há uns trinta anos, com oitenta de idade.

13 — Vedes outros Espíritos mais felizes do que vós? — Sim; vejo alguns cuja felicidade

consiste em louvar a Deus. Ainda não conheço isto: meus pensamentos roçam pela terra.

14-Compreendeis as causas que os tornam mais felizes do que vós? — Eu ainda não as aprecio, como aquele que não sabe o que é um prato preferido e não o aprecia. Talvez chegue a isso. Adeus. Vou à procura de um jantarzinho muito delicado e muito suculento.

BALTAZAR

OBSERVAÇÃO: Este Espírito é um verdadeiro fenômeno: faz parte dessa classe numerosa de seres invisíveis que não se elevaram em nada acima da condição da humanidade; só tem de menos o corpo material, mas as suas ideias são exatamente as mesmas. Este não é um mau Espírito, não tem contra si senão a sensualidade, que, ao mesmo tempo, é para ele um suplício e um gôzo; como Espírito, não é, pois, muito infeliz; é até feliz ao seu modo. Mas Deus sabe o que o espera em nova existência! Uma triste volta poderá fazê-lo bem refletir e desenvolver o senso moral, ainda abafado pela preponderância dos sentidos.

DA ALMA HUMANA

Antonio J. Freire

Cap. IX §19 (164)

“Paralelamente à respiração pulmonar, a alma tem também a sua respiração fluídica com o seu ritmo inspiratório e expiratório, adentro da Vida Cósmica, que os antigos designavam — Espírito de Vida, Espírito de Luz —, destinada a alimentar a vitalidade do nosso corpo fluídico nas suas duas funções de alma vital, aromal ou física fixativa, e de alma psíquica, livre e espiritual. Esta respiração fluídica, mesmo em condições normais, apresenta graus de intensidade que a fazem comunicar mais ou menos intimamente com a atmosfera fluídica cósmica que a envolve.

FENÔMENOS DE BILOCAÇÃO

ERNESTO BOZZANO

Caso XLVIII §52 (144)

Não resta dúvida de que os fisiólogos têm aparentemente razão para concluir neste sentido, mas, pelo contrário, o mesmo não sucederia se os termos do formidável problema fossem um dia derrubados pela demonstração experimental da existência de um “cérebro etéreo” imanente no “cérebro somático”. Neste caso, este último nada mais seria do que um aparelho indispensável para a tradução de impressões que nos chegam do mundo exterior por intermédio dos sentidos sob a forma de *vibrações* físicas, depois vibrações psíquicas, perceptíveis ao espírito imanente no cérebro etéreo.

Observo que esta tese concordaria maravilhosamente com as teorias da professora Sra. Gakel, segundo a qual a Vida e o Espírito constituiriam um Todo, que seria um *quantum* intra-

atômico, uma “qualquer coisa” de imaterial que organiza a matéria para dela se libertar no momento da morte, o que esclarece o postulado “todas as formas de Vida organizada possuem esta “quantidade intra-atômica”. Isto aclara, uma nova luz, o postulado de outra sumidade, o físico Eddington, que declara “que se os átomos do corpo humano, no que em si contêm de substancial, fossem fortemente comprimidos, o corpo humano não exigiria maior espaço do que um ponto feito com um lápis agudamente apontado”, o que torna a significar que o organismo físico de um homem consiste na sua quase totalidade de “espaço inter-atômico e infra-atômico”, provável morada do “corpo etéreo” e do cérebro etéreo”.

De outro ponto de vista e com o auxílio das novas concepções do ser humano, explicar-se-ia melhor por que um indivíduo perde temporariamente a razão sob a influência de uma bebida alcoólica, porque ele perde definitivamente a razão se o “cérebro somático” funciona em desordem como na demência. E por isso seria evidente que, se o aparelho transformador das “vibrações físicas” em “vibrações psíquicas”, reagir desordenadamente, o “cérebro etéreo”, sede do espírito, não mais estaria em condições de perceber corretamente as impressões exteriores e menos ainda agir por fora com pensamentos e atos apropriados, que continuariam a ser evidentemente transmitidos, mas o aparelho transmissor os desnaturaria e os transformaria em imagens incoerentes.

Estas considerações me recordam uma discussão cortês que tive com o professor Enrico Morselli pouco antes de sua morte. Esforcei-me por convencê-lo do grande fato de tantas provas variadas — anímicas e espíritas — convergirem todas para um mesmo centro: a demonstração da sobrevivência do espírito humano, fato que assume um valor científico de primeira ordem, dificilmente contestável. A enumeração das provas me impunha um longo monólogo que o professor Morselli escutou com a maior atenção, sem nunca me interromper. Quando chegou ao termo de minha exposição, ele continuou a guardar silêncio, ao mesmo tempo que a expressão de seu rosto indicava que ele se achava absorvido em profundas reflexões, do que conclui que, não conseguindo encontrar objeções metapsíquicas para opor à massa imponente dos fatos citados, sentira-se abalado em suas convicções materialistas, o que me levou a quebrar o silêncio com esta pergunta: “Pois bem, senhor professor, não vos parece que a hipótese espírita está, na realidade, cientificamente melhor demonstrada do que o imaginastes?” Ele se recobrou e, olhando no vácuo, em atitude quase estática, mediu solenemente estas palavras: “Vinde visitar comigo um asilo de alienados e então vos convencereis de que o pensamento é função do cérebro!”

Percebi, por esta resposta, que o professor Morselli efetivamente não encontrara qualquer objeção de ordem Metapsíquica, que seu critério lógico havia sido visivelmente abalado pela evidência cumulativa das provas enumeradas, mas que, após breve oposição interior, o fisiologista profissional o havia dominado, com a incapacidade em que se achava de se libertar de convicções profundas, indelevelmente impressas em suas células cerebrais por mais de meio século de prática de patologia mental, convicções aparentemente mais que legítimas, porém totalmente errôneas pelo fato de não repousarem numa única faceta do prisma Verdade. Decorria daí que a argumentação *negativa* do professor, que não era Metapsíquica, porém psicopatológica, não infirmava, de modo algum, o valor irrefutável das provas *positivas*, de ordem Metapsíquica, que eu havia citado e nas quais eu enumerei *todas as facetas* do prisma Verdade.

PARAPSIKOLOGIA EXPERIMENTAL

Hernani G. Andrade

Cap. 3.1 §10 (43)

A controvérsia é grande e até agora não se chegou a uma aceitação geral da sua realidade, muito embora se afirme existirem registros mecânicos, fotográficos e até análises químicas (precárias) do discutido “ectoplasma”. É flagrante a discordância entre os autores metapsiquistas, no que tange à unânime aceitação dos fenômenos ectoplásmicos. Vamos tomar como exemplo o caso da “materialização do espírito de Bien-Boa”, testemunhada e descrita por Charles Richet em seu famoso “Traité de Métapsychique”.

De acordo com os relatos de Charles Richet, este empregara rigorosos métodos de fiscalização observação, durante as manifestações de “Bien-Boa” obtidas pela mediunidade de Eva Carrière, (Marthe Béraud), em Vila Carmen, Argélia. Relata o eminente metapsiquista, que puderam ser vistas simultaneamente a médium e a materialização. Durante uma destas famosas experiências, Richet pediu ao fantasma que soprasse em um canudo cuja outra ponta se achava mergulhada em uma solução de barita.

O resultado foi o turvamento da solução, o que revelava a presença do gás carbônico, produto normal na expiração dos seres vivos dotados de pulmão. Sem embargo da autenticidade e indiscutível honestidade do insigne fisiologista, foi este ridicularizado e acerbamente criticado por causa dos aludidos fatos. Paul Heuzé concluiu, após certificar-se das declarações de algumas pessoas que teriam participado das sessões de “Bien-Boa”, que o nobelista Professor Richet fora vítima de uma grotesca farsa.

MÃOS DE LUZ

Bárbara Ann Brennan

Cap. 7.C §5 (70)

As camadas estruturadas contêm todas as formas que o corpo físico possui, incluindo os órgãos internas, os vasos sanguíneos etc., e formas adicionais, que o corpo físico não contém. Um fluxo vertical de energia pulsa para cima e para baixo do campo da medula espinhal. Estende-se para fora, além do corpo físico, acima da cabeça e abaixo do cóccix. Chamo-lhe corrente principal de força vertical. Existem no campo vórtices turbilhonantes, em forma de cones, chamados chakras. Suas pontas apontam para a corrente principal de força vertical, e suas extremidades abertas se estendem para a borda de cada camada do campo em que estão localizados.

Cap. 15C §6 (202)

A cirurgia deixa cicatrizes na primeira camada do campo e, às vezes, em todo o percurso até a sétima camada. Essas cicatrizes, desfigurações e bloqueios só se curam quando se ajuda o corpo físico a curar-se: se a distorção for para a esquerda, o corpo físico se curará com maior dificuldade. Quando se remove um órgão, o corpo etérico correspondente ainda pode ser reconstruído e serve para manter a harmonia nos corpos áuricos acima do corpo físico. Gosto de imaginar que, algum dia, com maior conhecimento do campo áurico e da bioquímica, seremos capazes de fazer órgãos removidos voltarem a crescer.

PSIQUIATRIA E MEDIUNISMO

Leopoldo Balduino

Cap. II §16 (55)

Se for considerada a hipótese de que a mente se assenta, em última instância, em um aparato pluridimensional, tal como o cérebro perispiritual, proposto pela Posição Espírita, essa e outras tantas questões se clarificam. Todavia, fica de pé a questão de qual a natureza desse “cérebro” extrafísico e de como ele interage com o sistema nervoso central. Essa intrigante questão será vista mais adiante, quando se poderá constatar o imenso potencial heurístico da Posição Espírita.

Concordando com os modernos avanços da Neuro- fisiologia e da Psicofarmacologia, o Espiritismo concorda com o pressuposto de que as funções psíquicas estão assentadas sobre bases, em última instância, de natureza bioquímica. Essas bases se localizam não somente no citoplasma dos neurônios, mas também nas sinapses, com o papel fundamental desempenhado pelas aminas neurotransmissoras, e formadoras de circuitos funcionais a representar a vida de relação, tanto na saúde como na doença. A Psicofarmacologia revolucionou a terapêutica dos distúrbios mentais, nas últimas décadas.

Também é bastante conhecido o fato de que, em diversas culturas, drogas de natureza psicodislépticas são utilizadas com finalidades místicas. A obra psicografada por Wera Krijanowski, “La reine Hatasou”, descreve as impressionantes peripécias de Horemseb, ao utilizar uma planta com substância psicoativa, orientado pelo feiticeiro hitério Tadar.

Assim, o substrato das funções psíquicas compreende as atividades químicas e elétricas do cérebro humano. Contudo, não foi ainda possível identificar a maioria dos mecanismos neurofisiológicos responsáveis pelas ditas funções mentais, tendo a Psiquiatria francesa classificado o cérebro como sendo uma “boite noire cybernetique”. Com bilhões de neurônios, cada um com dezenas de milhares de ligações sinápticas, o sistema nervoso central está além das possibilidades atuais de análise científica, pelo menos em relação aos aspectos superiores do seu funcionamento. Exemplificando, segundo Schreibel, na substância reticulada ascendente, para cada neurônio existem cerca de 27.500 conexões sinápticas. Como o total de neurônios do SNC é avaliado em 14 bilhões, pode-se apenas imaginar o grau de complexidade das bases anatomofuncionais da psique humana. Acoplando-se os aspectos extrafísico, essa complexidade ultrapassa os limites do concebível.

Diante do exposto, qualquer postura de certeza e autossuficiência no campo do estudo do comportamento humano deve ser encarada com reservas.

Bergouignan e Picard afirmam que, em se satisfazendo às necessidades metodológicas requeridas, é inútil querer reduzir os fenômenos psicológicos às condições anatomofisiológicas que lhes dão origem, do mesmo modo que é errôneo querer refutar, “a priori”, toda correlação entre essas duas ordens de fenômenos: psíquicos e fisiológicos. Como exemplo desse raciocínio, pode ser citado o fato de uma mesma lesão neurológica, em indivíduos diversos, manifestar-se por meio de sintomatologia singular, em cada um deles.

A mesma meningoencefalite sífilítica difusa poderá se traduzir por sintomas assaz

diversos, como uma euforia expansiva ou uma depressão estupefante ou pela simples deterioração psíquica, sem qualquer consideração anatomopatológica (Peters).

Em relação aos tumores cerebrais, análises estatísticas mostram que, sobre esse fundo comum, as manifestações psíquicas dependem grandemente da personalidade pré-mórbida do indivíduo canceroso. Já foi dito que, à luz das realidades extrafísicas, esse quadro aumenta em complexidade, em proporções geométricas, tanto no campo da Semiologia como em relação ao prognóstico, terapêutica etc.

Segundo Giraud, deve-se, portanto, resguardar de uma “dicotomia tentadora, mas pueril”, que destituiria as doenças psiquiátricas do substrato anatomopatológico, mesmo que em grande número esse substrato seja impossível de ser diagnosticado. Essa postura em nada se choca com a Posição Espírita, paradoxalmente, pois, de acordo com ela, é possível a existência de alterações anatomopatológicas, induzidas por energias ou fluidos de natureza espiritual. Esse tema será abordado mais adiante.

Cap. VII §4 (217)

Todavia, o Espiritismo torna a vida de relação infinitamente mais complexa ao agregar, ao cérebro físico, um cérebro espiritual que, segundo revelação dos Espíritos, via mediúmica, e ocorrências sincronísticas ou parapsicológicas, não é imaterial, mas formado por um tipo especial de matéria, ainda não inteiramente detectada pela Física, mas cuja existência já é suspeitada por diversos cientistas em face dos “horrendos” paradoxos apresentados pelo comportamento das partículas subatômicas e pela energia, dando-se destaque ao conceito einsteiniano de campo.

A EVOLUÇÃO DO PRINCÍPIO INTELIGENTE

Durval Ciamponi

Cap. 13 C §3 (123)

Responde Emmanuel, em “O Consolador”, pergunta **30**: “Há órgãos no corpo espiritual? que “o corpo físico, excetuadas certas alterações impostas pela prova ou tarefa a realizar, é uma exteriorização aproximada do corpo perispiritual”.

André Luiz (**3**) ensina que os centros vitais são “fulcros energéticos que, sob a direção automática da alma, imprimem às células a especialização extrema, pela qual o homem possui no corpo denso, e **detemos todos no corpo espiritual em recursos equivalentes** (grifo nosso), as células que produzem fosfato e carbonato de cálcio para a construção dos ossos, as que se distendem para a re- cobertura do intestino, as que desempenham complexas funções químicas do fígado, as que se transformam em filtros do sangue na intimidade dos rins e outras tantas, que se ocupam do fabrico de substâncias indispensáveis à conservação e à defesa da vida, nas glândulas, nos tecidos e nos órgãos que nos constituem o cosmo vivo de manifestação”.

Na esfera da espiritualidade, naturalmente, o corpo espiritual não é totalmente igual ao corpo físico, “apresentando algumas transformações fundamentais, depois da morte carnal,

principalmente no centro gástrico, pela diferenciação dos alimentos de que se provê, e no centro genésico, quando há sublimação do amor, na comunhão das almas". (4)

Onde se localizam os centros de força nos seres encarnados? No corpo físico, no corpo etéreo ou no corpo espiritual?

A resposta mais comum é que estão localizados no corpo etéreo. Diz Edgard Armond (5) que os "centros de força ou rodas são acumuladores e distribuidores de força espiritual, situados no corpo etéreo".

- 3 — ANDRÉ LUIZ (Espírito). *Evolução em Dois Mundos*, cap. II. Psicografia de Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira. Edição FEB. Rio de Janeiro-RJ. 1979
- 4 — ANDRÉ LUIZ (Espírito). *Entre a Terra e o Céu*, cap. XX. Psicografia de Francisco Cândido Xavier. Edição FEB. Rio de Janeiro- RJ. 1972
- 5 — EDGARD ARMOND. *Passes e Radiações*, cap. 2. Editora Aliança São Paulo -SP. 1988

O PSIQUISMO EXPERIMENTAL

Alfred Erny

2ª Parte Cap. I §26 (79)

Outro autor cristão, Santo Irineu, diz que "A alma tem órgãos como o corpo e é a imagem exata dele."

TRANSCOMUNICAÇÃO INSTRUMENTAL

SONIA RINALDI

Cap. IX Q 1 §12 (156)

Retomamos André Luiz:

"Todos os órgãos do corpo espiritual e, conseqüentemente, do corpo físico foram, portanto, construídos com lentidão (...). É assim que nasceu o tato nas células em seus impulsos ameboides... A visão principiou nos flagelados monocelulares expostos ao clarão solar... O olfato começou nos animais aquáticos...".

CORRELAÇÕES ESPÍRITO-MATÉRIA

JORGE ANDRÉA DOS SANTOS

Cap. II §11 (23)

O perispírito pode e deve ser considerado como uma organização fluídica, onde as estruturas físicas se modelam em suas malhas por estarem submetidas sob sua direta influência, em mecanismos de contratilidade e expansibilidade. Os seus campos

energéticos podem ser mais ou menos densos, na dependência da posição evolutiva em que se encontra determinado espírito. Nos espíritos mais atrasados o perispírito é bastante denso e, como tal, bem aderente aos campos materiais; nos espíritos mais evoluídos apresenta-se tênue e rarefeito, com possibilidade de mais fácil desligamento do campo material que influencia. Esta última qualidade pode propiciar ao encarnado maiores expressões de inteligência e mesmo apresentar, de modo mais ostensivo, a fenomenologia paranormal. Dessa forma, conclui-se que o perispírito possui “organizações análogas” ao corpo físico, porém muito mais expressivas e avançadas.

GETÚLIO VARGAS Em Dois Mundos

WANDA^a CANUTTI

2ª Parte - Cap. 2 (83)

— Vejo que não é necessário externarmos em palavras os nossos desejos, pois vê o nosso íntimo e sabe o que queremos, não é assim?

— Sim, temos essa possibilidade aqui, e logo também a terá! Sem o corpo carnal, muitas possibilidades se abrem ao Espírito! Não precisamos mais dos órgãos sensoriais — os que temos na Terra — para percebermos o que está ao nosso redor. Todo o nosso ser espiritual se porta como um radar, a captar, com muito mais intensidade, amplitude e precisão, o que lá ainda só percebemos através dos órgãos dos sentidos. Compreende?

— Estou procurando entender!

BASES CIENTÍFICAS DO ESPIRITISMO

EPES SARGENT

Cap. V §68 (198)

O Sr. Tapp, da Associação de Investigadores de Dalton, relata que frequentemente lhe foi permitido examinar claramente a face e a figura da forma espiritual conhecida com o nome de Katie, que se manifestava com o auxílio da Srta. Cook. Uma vez, ela colocou o braço direito sobre a mão dele, aberta, e permitiu-lhe examiná-lo com cuidado. O braço era roliço e proporcionado, mais longo que o da médium. A mão era mais longa, ornada de belas unhas, nada parecidas com as da Srta. Cook, que tinha o mau hábito de roer as unhas. Segurando levemente o braço da forma materializada com uma das mãos, ele com a outra examinou esse braço até ao ombro. «A pele, diz ele, era perfeitamente lisa, como a cera ou o mármore, apesar de ser a sua temperatura a de um corpo humano são. Contudo, não achei ossos na munheca. De novo palpei a munheca, e então Katie me disse que lhe faltavam os ossos. Riu-se e me disse: Esperai um pouco; e, depois de ter apresentado seu braço a outros assistentes, veio e de novo colocou-o na minha mão. Desta vez o Sr. Tapp ficou satisfeito; os ossos ali

estavam. Em outra ocasião, ele segurou a forma pelo pulso, e disse-nos: «Seu pulso contraía-se em minha mão como um pedaço de papel ou cartão fino, podendo eu sentir o tato dos meus dedos através dele. Uma vez, por isso, manifestei-lhe o meu sentimento.» Katie animou-o, e desculpou a sua falta de delicadeza, dizendo-lhe que buscava afastar esse outro resultado desagradável.

Fatos da ordem destes podem ainda não ser tão cientificamente demonstráveis como os fatos típicos da minha base, mas não deixam de ser críveis e consistentes. Mostram eles que essas materializações espirituais podem ser, muitas vezes, fracionais e imperfeitas. Ao mesmo tempo temos razão para supor que todas as partes do corpo humano, exterior ou interior, inclusive o sangue e as vísceras, podem, se for necessário, ser imitadas ou duplicadas pelo poder espiritual. O fato de muitas vezes faltarem partes nas formas materializadas não é argumento contra a possibilidade da produção da forma completa. A existência de átomos invisíveis e impalpáveis é sustentada pelo materialismo como uma hipótese razoável. Não poderão os Espíritos exercer sobre esses átomos um poder que a inteligência humana dificilmente possa conceber, compondo e dissolvendo formas transitórias, justamente como operam tantas outras coisas, cujo «modus operandi» apenas começamos a querer explicar?

A minha própria experiência confirma a do Dr. Gully. Não é aos especialistas da Ciência, totalmente não preparados para julgar das provas do poder psíquico, que eu me dirijo aqui. O que tenho a dizer, disso tenho a certeza, não aumentará o meu crédito no juízo daqueles cujo bom conceito me sinto feliz por ter adquirido. Mas devo fazer uma exposição clara. Pelo fato de haver testemunhado eu a tentativa de uma parenta venerada, que já não é deste mundo, de manifestar objetivamente, em uma sessão mediúnica, a sua identidade por meio do seu poder sobre a matéria, produzindo um simulacro do corpo terreno, não pude ter mais dúvida alguma, desde que se deu a ocorrência.

No começo, a face apresentada era um simples disco com pequena saliência, assemelhando-se à figura da face da Lua que os compêndios nos apresentam. Uma vez, disse eu: «Essa manifestação não pode ser para mim (eles haviam dito que era). Não vejo nela um só traço conhecido.» Decorreu meio minuto e então o médium em transe disse: «O Espírito insiste, diz que é a vós que ele se apresenta, e vos pede que olheis de novo.» Concordei, cheguei à abertura da cortina e, sem premeditação alguma, involuntariamente exclamei: «E' possível!» O reconhecimento foi instantâneo. Não pronunciei o nome, nem fiz pergunta alguma; mas o Espírito simulou conhecer o êxito da sua tentativa, e as suas demonstrações familiares e peculiares de prazer e afeto foram para mim mais convincentes do que quaisquer palavras. Cada pequeno gesto, o modo delicado e gracioso de bater-me na face com as suas mãos, e o modo com que me beijou a testa, eram a reprodução de velhos hábitos que a caracterizavam, quando, durante a sua última enfermidade, eu entrava em seu quarto para dela receber

RAYMOND

SIR OLIVER LODGE

Cap. XIII (107)

Diz ele: Meu corpo é muito semelhante ao que eu tinha na terra. Belisco-me às vezes para verificar se é um corpo real, e vejo que é; mas o beliscão não dói como doeria no corpo de carne. Os órgãos internos não parecem constituídos nas mesmas linhas do corpo de carne. Não podem ser completamente os mesmos. Mas segundo todas as aparências externas, é o mesmo. Só que posso mover-me mais livremente.

Oh, há uma coisa que não vi ainda: sangrar.

Conheci um homem que tinha perdido o braço, mas adquiriu outro. Sim, conseguiu os dois braços agora. Logo que penetrou no astral parecia incompleto, sem um membro do corpo, mas foi ficando e está completo. Falo de pessoas que perderam membros do corpo há muitos anos.

EXTRAORDINÁRIOS FENÔMENOS ESPÍRITAS

AURELIANO ALVES NETTO

Cap. 41 (127)

O Cérebro Etéreo

O espírito move a matéria. Virgílio

É surpreendente, mas está muito bem demonstrado que uma pessoa, portadora de grave lesão cerebral, pode continuar gozando de plena lucidez e exercer normalmente suas atividades psíquicas. O que evidencia o asserto do filósofo italiano Pietro Siciliani: o paralelismo psicofisiológico deve ser entendido no sentido de uma “correspondência paralela” e nunca no de uma “absoluta conversão”.

Com efeito, o cérebro é o veículo natural da manifestação do Espírito, mas as células cerebrais não produzem o pensamento, como o pâncreas produz a insulina e o fígado segrega a bilis.

É sabido que as células cerebrais se renovam constantemente, num moto-contínuo biológico. Razão por que, nem mesmo invocando a teoria esoterista das mentes celulares, se poderia admitir o órgão cerebral como sede da memória. Nem a lenda do *inconsciente factótum* do padre Quevedo.

O ser humano é constituído de corpo material, alma e perispírito (substância semimaterial que envolve o Espírito e o liga ao corpo).

O perispírito, posto que um tanto impropriamente, é chamado também de corpo etéreo, corpo fluídico, corpo astral, corpo ódico, duplo astral, subconsciente, corpo bio plasmático etc. Chamemo-lo de *corpo etéreo*, para utilizarmos a terminologia mais adequada à presente exposição.

Não se trata de simples hipótese. O corpo etéreo, além de presenciado pelos médiuns videntes, é visível através da *tela dicianiana*, inventada pelo Dr. Kilner, que a experimentou no St. Thomas Hospital. Como poderá ser visto igualmente nas fotografias do chamado “efeito Kirlian”.

A existência de um corpo etéreo paralelamente ao corpo somático subentende a de um cérebro etéreo e demonstra, como observa Bozzano, que “a sede da consciência, da inteligência, da memória integral e das faculdades de ordem supranormal é o *corpo etéreo*, que vem a ser o invólucro sublimado e imaterial do Espírito”.

Os fenômenos de desdobramento ou de bilocação nada mais são que a exteriorização ou afastamento temporário do corpo etéreo, notadamente durante o sono fisiológico, sono

hipnótico, sono mediúnico, bem como nos estados de êxtase, narcose, anestesia ou coma.

A chamada “sensação de integridade dos amputados” é uma prova da coexistência do corpo etéreo com o corpo físico. “O Prof. Valentine observou que indivíduos imperfeitos de nascença ou privados das extremidades têm sensações internas correspondentes a esses membros em seu estado perfeito” (Cf. *Bases Científicas do Espiritismo*, de Epes Sargent, 2.ª edição, pág. 215).

Em seu livro *A Vidente de Prevorst*, o Dr. Kerner narra que a famosa sensitiva Frederica Hauffe, quando se encontrava com uma pessoa mutilada, via sempre o membro inexistente, em forma fluídica. E Bozzano, num de seus trabalhos, cita “um caso recente em que o membro que faltava fora engenhosamente fotografado por meio de um *espectroscópio* que projetava o feixe luminoso sobre um anteparo em que aparecem, não apenas traços, porém formas de mãos e outros membros fluídicos” (Cf. *Animismo ou Espiritismo?* de Ernesto Bozzano, 2.ª edição, pág. 119).

Os casos de transposição dos sentidos, por outro lado, revelam que os órgãos sensoriais nem sempre obedecem ao figurino dos senhores fisiologistas, cujas concepções materialistas carecem de uma reformulação em bases mais heterodoxas.

O corpo etéreo, vale dizer — o perispírito —, é que, na verdade, comanda as atividades psicofísicas do ser humano. Sob a supervisão, naturalmente, do cérebro etéreo. Fazendo coro com o confrade Rafael Martin dei Campo, podemos concluir que “os centros receptores sensoriais, os centros motores, as células nervosas, gânglios, fibras, músculos etc., são apenas estrutura de uma organização etérea, animada pelo Espírito, que é a verdadeira causa psíquica individual, organizadora e diretora, na qual radica o poder e toda a faculdade anímica, e que, em estados supranormais, pode perceber sem os órgãos do corpo material, como têm demonstrado os fenômenos de percepção extra-sensorial” (Cf. *O Espiritismo Dialético, in Estudos Psíquicos*, de agosto de 1962).

A PROPOSITO DA INTRODUÇÃO À METAPSYCHICA HUMANA

ERNESTO BOZZANO

Cap. XI § 11 (161)

Sobre a existência indubitável de uma «força organizadora» nos fenômenos de materialização, devo lembrar a Sudre que, relatando as experiências do prof. Richet, na Argélia, e referindo-se ao fantasma materializado de Bien Bôa, foi ele mesmo um dos que observaram: «Respirava como se vivo fosse e de tal modo que lio prof. Richet conseguiu o precipitado branco de carbonato, fazendo com que respirasse dentro de um copo contendo água de barita».

Ora, se o fantasma respirava é porque era dotado do sistema respiratório e circulatório e por conseguinte, ainda nesse caso, tratava-se de um fantasma *organizado* e não *plastificado*.

O ESPIRITISMO NA ARTE

Léon Denis

I A §6º (16)

“O espírito não possui órgão visual, porém o pensamento reúne todos os sentidos.

Primeiramente ele revê em sua memória as mais belas coisas que lhe impressionaram o cérebro na existência precedente. Se ele viveu em um meio elevado, graças às diretrizes adquiridas, os quadros que desfilarão em sua mente serão certamente inspirados pelo culto ao belo. Portanto, nosso ser espiritual, através de seu trabalho, será em pouco tempo transportado a um meio fluídico suficientemente puro, desligado de parcelas materiais, e lá poderá receber, pela recordação, o reflexo artístico de suas vidas anteriores. Pelo simples querer, tudo se concretizará com o auxílio dos fluidos ambientes. Era pintor esse espírito? Seu pensamento refletirá os quadros dos mestres que conheceu e amou. Era ele escultor? As formas antigas ou clássicas, ou as de sua época, aparecerão na tela de seu pensamento. Depois, com o tempo, outros espíritos, não atraídos pela arte, mas desejosos de se elevarem a um plano superior, agrupar-se-ão em torno dos seres que, por seu trabalho e elevação, pairam em regiões fluídicas mais puras. Esses seres que se aproximam do artista receberão mais facilmente o pensamento deste último; através de um longo trabalho estabelecer-se-á uma fusão do espírito do leigo com o espírito do artista. Pouco a pouco o leigo receberá em sua mente os quadros e as cenas artísticas de seu mestre espiritual e poderá, então, experimentar alegrias estéticas muito grandes e tornar-se, ele próprio, artista em uma futura existência, uma vez que terá adquirido os primeiros elementos da arte no contato com um ser mais adiantado do que ele.

OS ESPÍRITOS, A MÚSICA CELESTE E A MÚSICA TERRENA

Geziel Andrade

3ª Parte

Cap. II item 7 (182)

A Música nos Extraordinários Fenômenos ocorridos em 19 De Fevereiro De 1920.

"Extraordinários fenômenos aconteceram, na tarde do dia 19 de fevereiro de 1920. A sessão foi na sala de jantar da residência do médium. Inicialmente, foi ouvido um som vago e indistinto, que parecia ser produzido por uma corda grossa de violão. O médium, então, solicitou que todos fossem para a sala de visitas, onde, provavelmente, produzir-se-iam outros muito mais nítidos. De fato, assim aconteceu e os sons eram mesmo de violão".

"O médium pediu ao Espírito, que já por vezes se tinha ali manifestado, tocando flauta, que se fizesse ouvir uma de suas prediletas canções, mas em tom um pouco mais forte, para ser ouvida por todos. Foi, então, executada uma música que o autor tocava em vida terrena, muito apreciada. Nessa ocasião, o médium foi tomado por um Espírito que disse ser Giuseppe Verdi, e confirmou ser essa a música de que Patápio Silva, flautista brasileiro, mais gostava, pois era ele o músico espiritual ali presente".

"Num outro momento, o médium foi influenciado por um Espírito que se identificou como Floriano Peixoto e disse que seria tocada uma fanfarra militar, que lhe haviam pedido em outra ocasião. O "Marechal" tomou o médium, perfilou-se e reproduziu as vozes de comando, para ser ouvido o toque militar "de presença de general". Foi ouvido o som da fanfarra, tocado pelo violão do plano espiritual".

"Disse, então, o suposto Marechal Floriano que o executor da música fora mesmo

Patapio Silva, que atendera à sua ordem. Por ele, também, foi ordenado o toque do Hino Nacional e o Hino de Garibaldi, que comoveu a todos os presentes. Em seguida, compareceu um outro músico, que disse ser Carlos Gomes, e pediu a Patapio que tocasse "O Guarani", no que foi logo atendido".

"Todos os que assistiam a esses efeitos puderam observar *in loco* o interessante fenômeno: Verdi pediu a Patapio que cantasse, acompanhado de violão, aquela sua canção apaixonada, e que puxasse a cadeira para mais perto dos ouvintes. A cadeira, então, foi arrastada por mão invisível até a porta do toilette. Mais, ainda, foi pedido ao Marechal Floriano, que era, nessa ocasião, o diretor espiritual daquelas manifestações espíritas, que, caso fosse possível, o Espírito Patapio se materializasse, pois assim tocaria mais diretamente para todos os presentes. Foi dito, então, que o pedido seria atendido em parte; apenas a mão desse músico seria materializada. Dr. Castro segurou a mão materializada de Patapio, examinou-lhe o pulso, verificando batimentos. O médium, que nesse momento estava consciente, fez o mesmo, e, em seguida, todos os demais assistentes tocaram a mão do Espírito". (Capítulo 10: Depoimento de um Médico. Texto extraído do Depoimento do Dr. Carlos Pereira de Castro, contido no livro *O Espiritismo Científico e as Extraordinárias Mediunidades do Sr. Carlos Mirabelli*, publicado em 1930, com fatos espíritas anotados em atas das sessões e com relatos de muitas testemunhas).

PERISPÍRITO

Geziel Andrade

1ª Parte Cap. 16 (51)

17 - O perispírito tem órgãos semelhantes aos do corpo material?

O Espírito Sanson respondeu afirmativamente a essa questão. Allan Kardec perguntou-lhe se a sua forma fluídica possuía uma cabeça, um tronco, braços e pernas. A resposta afirmativa está contida no Capítulo II da Segunda Parte de *O Céu e o Inferno*:

"O Espírito, tendo conservado a forma humana, mas divinizada, idealizada, tem, sem dúvida, todos os membros de que falais. Sinto perfeitamente as pernas e os dedos, pois podemos, por nossa vontade, aparecer-vos e apertar-vos as mãos. Estou próximo a vós todos e apertei as vossas mãos amigas, sem que o percebêsseis."

Portanto, o perispírito, ao conservar a forma e a aparência humana, tem todos os órgãos do corpo material que caracterizam o ser humano.

Sobre a forma humana do perispírito, Allan Kardec escreveu o seguinte no Item 56 de *O Livro dos Médiuns*:

"A forma do perispírito é a forma humana, e, quando ele nos aparece, é geralmente a mesma sob a qual conhecemos o Espírito na vida física. Poderíamos crer, por isso, que o perispírito, desligado de todas as partes do corpo, se modela de alguma maneira sobre ele e lhe conserva a forma. Mas não parece ser assim. A forma humana, com algumas diferenças de detalhes e as modificações orgânicas pelo meio em que o ser tem de viver, é a mesma em todos os globos. É, pelo menos, o que dizem os Espíritos. E é também a forma de todos os Espíritos não encarnados, que

só possuem o perispírito. A mesma sob a qual em todos os tempos foram representados os anjos ou Espíritos puros. De onde devemos concluir que a forma humana é a forma típica de todos os seres humanos, em qualquer grau a que pertençam. Mas a matéria sutil do perispírito não tem a persistência e a rigidez da matéria compacta do corpo. Ela é, se assim podemos dizer, flexível e expansível. Por isso, a forma que ela toma, mesmo que decalcada do corpo, não é absoluta. Ela se molda à vontade do Espírito, que pode lhe dar a aparência que quiser, enquanto o invólucro material lhe ofereceria uma resistência invencível."

"Desembaraçado do corpo que o comprimia, o perispírito distende-se ou se contrai, se transforma. Em uma palavra: presta-se a todas as modificações, segundo a vontade que o dirige. É graças a essa propriedade do seu invólucro fluídico que o Espírito pode fazer-se reconhecer, quando necessário, tomando exatamente a aparência que tinha na vida física, e até mesmo com os defeitos que possam servir de sinais de reconhecimento."

"Os Espíritos, portanto, são seres semelhantes a nós, formando ao nosso redor toda uma população que é invisível no seu estado normal. E dizemos no estado normal porque, como veremos, essa invisibilidade não é absoluta."

Dessa maneira, concluímos que a forma humana pertence ao perispírito. Este participa na formação do envoltório material, por ocasião da reencarnação do Espírito, impondo a sua forma preexistente, embora, em geral, não imponha a aparência física. Coordena e modela o desenvolvimento dos órgãos do corpo material para que o Espírito consiga manifestar-se adequadamente na vida corporal, com vistas ao seu progresso intelectual e moral e o do planeta.

Como o perispírito é o instrumento semimaterial de ação do Espírito, é através dele que o Espírito, ser inteligente, consciente e pensante, se identifica com a matéria orgânica, para modelar os órgãos que lhe vão servir de instrumento de manifestação na vida corporal.

Assim, por intermédio do perispírito, o Espírito impulsiona o desenvolvimento dos órgãos do corpo material que estão em desenvolvimento com o início do processo de reencarnação.

Portanto, é através do perispírito que o Espírito consegue dominar e controlar o envoltório corporal, e permanece unido a ele, molécula a molécula, durante toda a existência corpórea.

3ª Parte Cap. 4, 5 (156)

4-0 perispírito tem órgãos semelhantes aos do corpo material?

Sim, permitindo ao perispírito conservar a forma humana.

A existência de órgãos no perispírito está reafirmada nas seguintes revelações do Espírito André Luiz:

"Minhas cordas vocais estavam entorpecidas, com o nó de lágrimas represadas no coração." (*Nosso Lar* - Cap. 7.)

"Tentando examinar lhe o estado fisiológico, identifiquei o calor orgânico, a pulsação regular e os movimentos respiratórios..." (*Os Mensageiros* - Cap. 22.)

" — Examinaste o cérebro do companheiro que ainda se prende ao veículo denso;

observa, agora, o mesmo órgão no amigo desencarnado que o influência de modo direto." (*No Mundo Maior Cap.3*)

5-0 perispírito tem necessidade de respirar?

Sim. O Espírito André Luiz deixou isso claro:

"Estava convicto de não mais pertencer ao número dos encarnados no mundo e, no entanto, meus pulmões respiravam a longos haustos." (*Nosso Lar, Cap. 1.*)

"Glicínias de prodigiosa beleza enfeitavam a paisagem. Lírios de neve, matizados de ligeiro azul ao fundo do cálice, pareciam taças, de caricioso aroma. Respirei a longos haustos, sentindo que ondas de energia nova me penetravam o ser." (*Nosso Lar - Cap. 23.*)

"...Me vi só, respirando o ar de outros tempos, a longos haustos." (*Nosso Lar, Cap. 49.*)

"Tornara-se densa a atmosfera, alterando-nos a respiração." (*Os Mensageiros - Cap. 33.*)

"Por sugestão do instrutor, abeiramo-nos do mar, em exercício respiratório de maior expressão." (*Os Mensageiros, Cap. 33.*)

"Tinha a impressão nítida de haveremos mergulhado num oceano de vibrações muito diferentes, onde respirávamos com certa dificuldade." (*Os Mensageiros, Cap. 34.*)

CÉREBRO & PENSAMENTO

ERNESTO BOZZANO

.....Em outros termos, tudo concorre para demonstrar a existência de um "cérebro etéreo" imanente no cérebro físico e, assim, a existência de um "corpo etéreo" imanente ao corpo somático. O mesmo que afirmou o apóstolo Paulo, numa máxima digna do escultor há quase vinte séculos; o mesmo também que em nossos dias afirmava a personalidade medianímica de Georges Pelham, por intermédio da médium Sra. Piper, em uma conversação famosa que manteve com o doutor Hodgson. Entre outras coisas, a mencionada personalidade respondeu a uma pergunta de Hodgson com esta interessante advertência: "Eu não acreditava na sobrevivência. Era algo que excedia ao meu entendimento. Hoje me pergunto como pude duvidar. Temos um fac-símile etéreo de nosso corpo físico, fac-símile que subsiste depois da dissolução do nosso corpo físico".

Depois do que acaba de expor, é quase supérfluo acrescentar que, uma vez admitida a existência de um "cérebro etéreo", base da Consciência Individual, conclui-se que o enigma dos "homens que pensam sem cérebro" é fácil de explicar. De fato, pode-se logicamente pressupor que, em certas circunstâncias de "sintonização" especial entre o cérebro e o espírito, este pode prescindir parcial ou completamente de seu órgão de relação terrestre. Dito de outra forma: em situações semelhantes, é claro que a única circunstância de fato absolutamente necessária para explicar o mistério de que tratamos é a de reconhecer a existência de uma Consciência Individual independente do órgão cerebral. Uma vez que estamos de acordo com este ponto, torna-se compreensível que se encontrem casos excepcionais semelhantes aos que citamos. A tarefa de investigar as causas não tem pois senão um valor secundário, do ponto de vista teórico, e pode inclusive fornecer uma solução

pelos métodos experimentais.

O ESPIRITISMO CONTEMPORÂNEO

Dr. A.A. MARTINS VELHO

Cap. V AIII - X §8 (186)

Materializações Completas

Chama-se *materialização completa* à formação *temporária*, e mais ou menos *efêmera*, de um ser vivo, num local onde ele não existia.

Desmaterialização é a desaparecimento súbita ou gradual dessa mesma forma viva.

Quando a *materialização* não é de corpos vivos, mas de produtos do reino vegetal ou mineral, tomam geralmente o nome de *aports*.

Tratemos agora somente das materializações de seres vivos.

Este fenômeno apresenta-se em graus de diversa intensidade.

No seu grau mais fraco a materialização aparece apenas como um clarão na obscuridade, clarão que pouco e pouco se define e mostra como um busto ou figura inteira, mas de contornos vagos e imprecisos.

No seu grau médio essa forma, a princípio vaga e imprecisa, aclara-se pouco e pouco, toma as cores naturais e apresenta as formas nítidas de uma pessoa conhecida; mas essa forma é de natureza instável, durando apenas poucos instantes. '

No seu grau mais elevado a forma criada pelo *médium* ou antes à custa dele, não é já uma forma fantástica, — é um *corpo completo, vivo, cujos pulmões respiram, cujo coração bate, cujo sangue circula, cuja boca fala e cujo pensamento funciona. Tem simplesmente uma vida efêmera, pois pode viver quando muito algumas horas.*

Passado esse tempo desaparece, tal qual como apareceu.

DOSSIÊ PEIXOTINHO

LAMARTINE P. JUNIOR e WALLACE F. NEVES

Cap. II - 19ª Reunião §1 (65)

As obras *Nos domínios da mediunidade* e *Missionários do luz*, do espírito André Luiz, tratam, em capítulos específicos, da materialização de espíritos, onde o próprio André Luiz, com outros espíritos, sob a orientação de instrutores de seu plano de vida, incursionam pelos meandros da mediunidade e, especialmente, nos fenômenos de efeitos físicos e mais detidamente na área da ectoplasmia. Ali dissecam o fenômeno em profunda análise das sutilezas que envolvem a ação medianímica: a ação dos espíritos, a organização fisiopsíquica do médium, o emprego da garganta ectoplásmica, medições do potencial psíquico e, muito importante, o comportamento humano, ante a fenomenologia e a estrutura do fenômeno propriamente dito.

DIVERSIDADE DOS CARISMAS – Volume I

HERMÍNIO C. MIRANDA

Cap. II item 23 §6 (94)

Ao contrário do que muita gente pensa, a concentração não consiste em fixar na mente um pensamento ou imagem, mais precisamente o contrário, ou seja, em *esvaziar a mente de pensamentos*. O que vale dizer, abrir espaço para que o fenômeno anímico ou mediúnico se produza, sem interferências, sem obstáculos, sem distrações que o inibam. Isto é perfeitamente compreensível. Já vimos que o contexto, o ambiente, o campo de ação da mediunidade, é o pensamento. Este conceito é universal e incontestável até mesmo para os chamados fenômenos de efeito físico, pois não há movimento algum de ideias ou de objetos, da vontade, enfim, que não tenha de receber os comandos da mente através do cérebro, a grande central diretora do ser encarnado ou desencarnado. (Muitos se esquecem - ou não sabem - que o desencarnado também tem seu cérebro no corpo espiritual, isto é, no perispírito.)

A GÊNESE

Allan Kardec

Introdução §8

Generalidade e concordância no ensino, tal é a característica essencial da Doutrina, a própria condição de sua existência; daí resulta que todo princípio que não recebeu a consagração do controle e da generalidade não pode ser considerado como parte integrante dessa mesma Doutrina, mas como uma simples opinião isolada, da qual o Espiritismo não pode assumir a responsabilidade.

Cap. 1 – Caráter da Revelação Espírita

13. Por sua natureza, a revelação espírita possui um duplo caráter: ela participa ao mesmo tempo da revelação divina e da revelação científica. Participa da primeira porque seu aparecimento foi providencial, e não o resultado da iniciativa e do desígnio premeditado do homem, porque os pontos fundamentais da doutrina provêm do ensinamento dado pelos Espíritos encarregados por Deus de esclarecer os homens sobre as coisas que eles ignoravam, que não podiam aprender por si mesmos e que lhes importa conhecer, hoje que se acham amadurecidos para compreendê-las. Participa da segunda, porque tal ensinamento não constitui privilégio de nenhum indivíduo, mas é proporcionado a todo mundo pela mesma forma: pelo fato de que tanto aqueles que o transmitem como os que o recebem não são seres passivos, dispensados do trabalho de observação e pesquisa; por não terem renunciado ao seu próprio julgamento e livre-arbítrio; e porque o exame não lhes é interdito, mas ao contrário recomendado. Enfim, a doutrina não foi ditada completa nem imposta à crença cega, sendo ela deduzida do trabalho do homem e da observação dos fatos que os Espíritos lhes põem sob os olhos pelas instruções que a ele dão, instruções estas que o homem estuda, compara e das quais tira ele mesmo as suas conclusões e aplicações. Em síntese, o que caracteriza a revelação espírita é que sua origem é divina, que a iniciativa pertence aos Espíritos e que a sua elaboração é o resultado do trabalho do homem.

50. A terceira revelação — vinda em uma época de emancipação e maturidade intelectual, em que a inteligência desenvolvida não pode se conformar com um papel passivo, em que o homem não aceita nada às cegas, mas quer ver aonde o conduzem, quer saber o porquê e o como de cada coisa — tinha que ser ao mesmo tempo o resultado de um ensino e o fruto do trabalho, da pesquisa e da livre verificação. Os espíritos só ensinam exatamente o que é preciso para ajudar a compreender a verdade, mas se abstêm de revelar o que o homem pode descobrir por si mesmo, deixando-lhe o cuidado de discutir, verificar e submeter o todo ao cadinho da razão, deixando mesmo, muitas vezes, que adquira experiência à própria custa. Eles lhe dão o princípio e os materiais, para que tire proveito deles e os ponha em ação.

51. Sendo os elementos da revelação espírita ministrados simultaneamente em muitos pontos, a homens de todas as condições sociais e de diversos níveis de instrução, é evidente que as observações não poderiam ser feitas em toda parte com o mesmo resultado; que as consequências a tirar delas, a dedução das leis que regem essa ordem de fenômenos, em resumo, a conclusão que deveria determinar as ideias, teria de sair do conjunto e da correlação dos fatos. Ora, cada centro isolado, circunscrito a um círculo restrito, vendo, frequentemente, apenas uma espécie particular de fatos, algumas vezes aparentemente contraditórios, tendo ligação geralmente com uma mesma categoria de espíritos, e, além do mais, embaraçado pelas influências locais e partidarismos, achava-se na impossibilidade material de abranger o conjunto e, por isso mesmo, impossibilitado de combinar as observações isoladas em um princípio comum. Cada um apreciando os fatos sob o ponto de vista dos seus conhecimentos e crenças anteriores, ou da opinião particular dos espíritos que se manifestam, logo surgiriam tantas teorias e sistemas quantos fossem os centros, e nenhum poderia ser considerado completo, por falta de elementos de comparação e avaliação. Em uma palavra, cada um se teria imobilizado na sua revelação parcial, acreditando deter toda a verdade, por não saber que em cem outros lugares se obtinha mais ou melhor.

52. Por outro lado, deve-se observar que em parte alguma o ensino espírita foi dado de uma forma completa. Ele atinge um número tão grande de observações, de assuntos tão diversos, que exigem conhecimentos e aptidões mediúnicas especiais, que foi impossível reunir em um mesmo ponto todas as condições necessárias. A necessidade de o ensino ser coletivo e não individual, levou os espíritos a dividirem o trabalho, disseminando os temas de estudo e de observação, como em certas fábricas a confecção de cada parte de um mesmo objeto é dividida entre diversos operários. Assim, a revelação é feita parcialmente, em diversos lugares e por uma multidão de intermediários, e é dessa maneira que ela prossegue ainda hoje, uma vez que nem tudo foi revelado. Cada centro encontra, nos demais, o complemento do que ele obtém, e foi do conjunto, da coordenação de todos os ensinamentos parciais que a Doutrina Espírita se constituiu. Era, pois, necessário agrupar os fatos isolados para ver sua correlação, reunir os diversos documentos e as instruções dadas pelos espíritos sobre todos os pontos e sobre todos os assuntos, para compará-las, analisá-las e estudar-lhes as analogias e as diferenças. Como as comunicações eram dadas por espíritos de todas as ordens, mais ou menos esclarecidos, era preciso avaliar o grau de confiança que a razão permitia conceder-lhes, distinguir as ideias sistemáticas individuais e as isoladas das que tinham a sanção do ensino geral dos espíritos; as utopias, das ideias práticas; afastar as que eram notoriamente desmentidas pelos dados da Ciência positiva e pela lógica sã; utilizar os

próprios erros, as informações fornecidas pelos espíritos, mesmo os de baixa categoria, para o conhecimento da situação do mundo invisível, e disso formar um todo homogêneo. Em uma palavra, era preciso um centro de elaboração, isento de qualquer ideia preconcebida, de qualquer sectarismo, resolvido a aceitar a verdade tornada evidente, ainda que contrária às suas opiniões pessoais. Esse centro se formou por si mesmo, pela força das coisas e sem premeditação.

53. Desse estado de coisas resultou uma dupla corrente de ideias: umas indo das extremidades para o centro, e as outras retornando do centro para a periferia. Foi assim que a Doutrina caminhou rapidamente para a unidade, apesar da diversidade das fontes de onde se originou; e que os sistemas divergentes ruíram pouco a pouco, em razão do seu isolamento diante do ascendente da opinião da maioria, na qual não encontraram repercussão simpática. Desde então, uma comunhão de ideias se estabeleceu entre os diversos centros parciais; falando a mesma linguagem espiritual, eles se entendem e se simpatizam, de um extremo a outro do mundo. Os espíritas sentiram-se mais fortes, lutaram com mais coragem, caminharam com passo mais firme, desde que não se viram mais isolados, desde que perceberam um ponto de apoio, um laço que os unia à grande família. Os fenômenos dos quais eram testemunhas não mais lhes pareceram estranhos, anormais ou contraditórios quando puderam associá-los às leis gerais de harmonia, abranger de um só golpe de vista todo o plano, e ver, em todo esse conjunto, um objetivo grandioso e humanitário.